U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

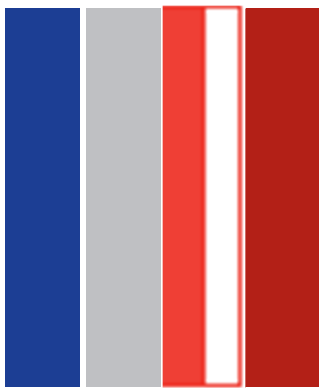
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – VARIANTE DE ESTUDOS DE MÉDIA E JORNALISMO

As notícias regionais e locais nos principais blocos informativos da RTP 1 e RTP 3

Ludimara Alice Cabral Rodrigues

M

2016



Ludimara Alice Cabral Rodrigues

As notícias regionais e locais nos principais blocos informativos da RTP 1 e RTP 3

Relatório de Estágio realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientado pela Professora Doutora Helena Laura Dias de Lima

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2016

As notícias regionais e locais nos principais blocos informativos da RTP 1 e RTP 3

Ludimara Alice Cabral Rodrigues

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientado pela Professora Doutora Helena Laura Dias de Lima

Membros do Júri

Professor Doutor Paulo Frias da Costa
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Ana Isabel Crispim Mendes Reis
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Helena Laura Dias de Lima
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 15 valores

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço o apoio incondicional da minha mãe. O incentivo ao longo de todo este período foi fundamental para chegar até onde cheguei. A sua força, energia positiva que de longe sempre me transmitiu.

À minha irmã por todo o apoio que constantemente me dá. Aos conselhos que sempre me deu de bom agrado. À toda a minha família agradeço por acreditarem em mim e por seguirem com carinho os meus passos em direção ao sucesso.

Agradeço também ao corpo docente do mestrado em Ciências da Comunicação pela dedicação, paciência e sabedoria transmitida neste ciclo de estudo.

A todos os profissionais da RTP Porto que tão bem me receberam, desde dos funcionários aos jornalistas. Pelo carinho sempre demonstrado e pelo conhecimento que pude obter nesta casa ao longo dos 5 meses e meio de estágio.

À Estela Machado um agradecimento especial, pelo apoio e carinho que me foi dado ao longo do estágio e pelas palavras de incentivo que sempre me dizia e que me fez acreditar mais em mim.

À Joana França Martins, um enorme obrigada pelo papel importante que teve. Obrigada pela disponibilidade, paciência e por me transmitir conhecimentos daquilo que muito bem sabe fazer.

Ao Paulo Antunes, que teve um papel importante na minha passagem pela RTP e que tão bem me acolheu.

À memória do meu pai.

RESUMO

Este relatório resulta do estágio realizado na Rádio e Televisão de Portugal (RTP) durante 3 meses e na Antena 1 por um período de mês e meio. Assim, a primeira parte vai assentar numa breve descrição das atividades realizadas neste período, em cada um dos órgãos de comunicação social.

O espaço da informação regional no nacional nos principais blocos informativos dos canais de informação, RTP 1 e RTP 3 é o tema do estudo de caso abordado neste trabalho. A escolha vem no propósito de ainda não existir muitos estudos neste âmbito, e por se tratar de um fenómeno (proximidade) que cada vez tem vindo a crescer no mundo jornalístico.

Para levar a cabo este estudo de caso, achamos pertinente elaborar uma pergunta de partida, que nos vai permitir desenvolver o tema: Há uma relação direta sobre a estrutura noticiosa e a preponderância das notícias locais?

O alvo do estudo de caso foram os principais blocos informativos dos principais canais de informação da RTP, o Jornal da tarde e o Telejornal (RTP1), o 360º e o 24 Horas (RTP3). Ao longo de 15 dias conseguimos observar todo o processo noticioso dos blocos informativos acima referidos, que nos permitiram perceber o espaço que as notícias regionais/locais ocupam nas principais horas de transmissão. É de realçar a importância e o espaço que estes tipos de notícias ocupam atualmente na agenda de marcação de serviços da estação, do centro regional do norte.

A internet é um dos outros motivos pela qual a informação regional tem vindo a expandir e onde há cada vez mais investimentos dos órgãos de comunicação social para fazer chegar a informação às populações que estão geograficamente distantes. Também permite que o fator proximidade ganhe cada vez mais ênfase com a expansão do meio.

Como um operador público de televisão, a RTP assume outras responsabilidades e fomenta essa proximidade com as regiões e localidades distanciadas.

Palavras-Chaves: Informação regional e local, Proximidade, Serviço Público de Televisão

Abstract

This report results from the 3 months internship held at Rádio e Televisão de Portugal (RTP) and the 1 month and a half internship held at Antena 1. Thus, the first part consists of a brief description of the activities carried out during those periods in each the media station mentioned above.

In this case study we will examine the preponderance of local and regional news in the main information blocks of RTP1 (Jornal da Tarde and Telejornal) and RTP 3 (360° and 24 Horas). This topic was chosen due to the lack of literature and, also because the interest on this phenomenon (proximity) has been increasing.

In order to develop this case study, we found it relevant to rely on the following research question: Is there a direct relationship between the news structure and the preponderance of local news?

The object of this case study were the main information blocks of RTP's main information channesl: Jornal da Tarde and Telejornal (RTP1), the 360° and the 24 Horas (RTP3). Over 15 days we have followed up these informative blocks, which allowed me to collect several data regarding the presence of regional / local news in the national news broadcasts. The amount of service scheduled in RTP's northern production center lead me to believe that regional information is increasingly present in the analyzed information blocks.

The internet figures as another reason why the regional information has been expanding. Moreover, it justifies the growing investment of the Media on getting information to and reaching those that are geographically distant. This expansion also increases the emphasis on the proximity factor.

As a public service television station, RTP assumes other responsibilities and fosters this proximity to distant regions and localities.

Key Words: regional and local information, Proximity, Public Service Television.

Índice

Introdução 13
1. Calendarização do Estágio 17
2. Caraterização da empresa 18
2.1. A Norte TV e a Rádio e Televisão de Portugal 20
2.1.1. O caso do Portugal em Directo 22
2.2. O início da RTP 3 24
2.3. Organização da redação 25
2.4. Atividades desenvolvidas 27
2.5. A agenda de informação e a produção noticiosa 27
2.6. Produção 30
2.7. A equipa de reportagem 31
2.8. A edição das peças 33
2.9. Produto Final 34
2.9.1. O noticiário 34
3. Reflexões 35
4. O jornalismo de proximidade 40
4.1. A informação local 40
4.2. A proximidade na era da globalização 43
4.3. A implementação da informação local em Portugal 45
4.4. As televisões de proximidade 48
4.5. Os primeiros passos das televisões de proximidade em Portugal 52
4.5.1. As televisões de proximidade e os partidos políticos 54
4.5.2. Televisões de proximidade: As (in) experiências de Portugal 56
5. Produção Noticiosa 60
5.1. Os critérios de noticiabilidade 60
6. Metodologia de análise 64
7. Perfil dos quatro espaços informativos alvos de análise 65
7.1. O Jornal da Tarde 65
7.2. O Telejornal 66
7.3. O 360º 70

7.4. O 24 Horas 71

8. Explicação dos dados 72

8.1. Expressividade das notícias locais em cada um dos blocos informativos 72

8.2. A expressividade das notícias regionais 73

8.3. A expressividade das notícias Nacionais/Regionais 75

8.4. A expressividade das notícias regionais/locais 76

8.5. As editorias dominantes na abertura dos blocos informativos 78

8.6. Categorias temáticas dominantes ao longo da análise dos blocos informativos 80

8.7. A predominância das notícias locais nos espaços informativos analisados 83

9. Notícias em destaque nos principais blocos informativos da RTP 1: O Jornal da Tarde e o Telejornal 85

9.1. Semana de 14 a 20 de dezembro de 2015 85

9.2. Semana de 21 a 28 de dezembro de 2015 88

Conclusão 91

Bibliografia 93

10. Webgrafia 96

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Expressividade de notícias locais por bloco informativo

Gráfico 2 – Numero de notícias regionais por bloco informativo

Gráfico 3 – Noticias nacionais/regionais

Gráfico 4 – Noticias regional/local

Gráfico 5 – categorias dominantes na abertura dos blocos informativos

Gráfico 6 – Editorias dominantes nas notícias de abertura

Gráfico 7 - Categorias temáticas predominantes (%)

Gráfico 8 – A representatividade de notícias de proximidade na abertura (%)

Gráfico 9 – Semana de 14 a 20 de dezembro 2015

Gráfico 10 – Semana de 21 a 28 de dezembro de 2015

Gráfico 11 – O peso das notícias locais nos quatro blocos informativos

Lista de Tabelas

Tabela 1 – A cobertura noticiosa no Jornal da Tarde e no Telejornal – semana 14 a 20 de dezembro

Tabela 2 - A cobertura noticiosa no Jornal da Tarde e no Telejornal – semana 21 a 28 de dezembro

Tabela 3 – Cobertura noticiosa por localidades

Lista de Figuras

Figura 1 – Organização da redacção da delegação RTP Porto

Figura 2 – Processo de *Gatekeeping*

Introdução

Ao falarmos do jornalismo de proximidade é importante ter em conta o efeito da globalização nos media e perceber onde se encontra o "local". A televisão é o meio que atrai mais público, quer pelos programas informativos quer pelos programas de entretenimento. É muitas vezes através deste meio que o público conhece a realidade de outras regiões e, muitas vezes da própria comunidade. A televisão permite-nos entrar "em cena" e viver a realidade que está a ser transmitida e é desta forma que os telespetadores se identificam ou não com uma determinada estação televisiva.

Outro ponto que faz com que a televisão seja o meio de eleição de muitos é a vantagem de poder unir todos os fatores multimédia, como a imagem, o som, o áudio e o vídeo. Ou seja, a junção destes elementos permite-nos ter uma visão ainda mais real do assunto e faz-nos sentir dentro da cena.

Hoje em dia há muito interesse por parte de alguns dos órgãos de comunicação social (OCS) em estabelecer uma ligação com as regiões e localidades distanciadas geograficamente. Este fator deve-se aos efeitos da globalização e aos avanços tecnológicos, que facilitam a proximidade e fortalecem essa ligação entre as localidades e os OCS.

Por isso, consideramos pertinente abordar este tema e perceber o espaço que a informação local e/ou regional ocupa no espaços informativos onde as grelhas de informação contêm, na sua maioria notícias de âmbito nacional.

Assim, este relatório encontra-se dividido em três capítulos (I,II e III), sendo que no primeiro pormenorizamos as atividades desenvolvidas ao longo do estágio, fazemos a caraterização da empresa de acolhimento, percebendo a rotina de trabalho dos jornalistas da redação e ainda a forma como se encontra organizada, bem como as outras secções e tarefas que fazem parte do dia-a-dia de uma entidade jornalística. Também tivemos a oportunidade acompanhar o trabalho feito no AGS e percebemos como funciona a dinâmica do estúdio.

Ainda neste primeiro capítulo abordamos o processo de transição da Norte TV (NTV) para a RTP, sendo que esta foi uma etapa que marcou a história do canal público

de televisão, visto que todos os profissionais que faziam parte do antigo canal NTV foram reintegrados na redação da RTP.

No segundo capítulo deste relatório fizemos um enquadramento teórico, que nos permitiu obter conhecimentos e aplicar no estudo de caso. Abordamos a questão da informação local, onde reparamos que cada vez mais há um investimento dos órgãos de comunicação social em criar uma ligação com as regiões. Falamos também nas consequências da globalização, sendo que este fenómeno traz algumas mudanças a nível da informação local e regional, ou seja tentámos perceber de que forma é que podemos enquadrar o local, quando estamos a falar de uma sociedade que se encontra cada vez mais globalizada. Fomos à procura da história que nos permite ver o desenvolvimento e/ou o avanço da informação local em Portugal, mas reparámos que apesar de se estar a dar uma atenção maior ao assunto, ainda existe muito por fazer nesta área. Aqui tentamos perceber essencialmente como é que se deu a implementação deste fenómeno no país. Em Portugal nunca se afastou a questão da implementação das televisões regionais/locais, mas também nunca se dedicou totalmente, sendo que as que existiram não passaram de meras experiências, muitas das quais piratas. Os problemas económicos foram apontados como principais motivos que dificultaram a implementação desse tipo de meio nas regiões.

Neste ponto de vista fomos tentar perceber qual foi o papel dos partidos políticos no governo, ao longo do processo de implementação das televisões regionais em Portugal. Na altura em que governava o Partido Socialista (PS), este defendeu a importância de um investimento deste tipo na comunicação social. Entretanto, o decreto-lei 241/97 que visava o arranque no cabo dos canais regionais e locais não foi regularizado. A seguir ao Governo do PS entrou em funções o executivo do Partido Social Democrata (PSD), que apesar de ter criticado o anterior Governo aquando da implementação das televisões regionais. Porém, no final do mandato (2005) o referido decreto encontrava-se ainda por regularizar.

Ao longo da pesquisa no âmbito das televisões regionais reparamos uma boa vontade em implementar este tipo de meio nas regiões, porém as condições económicas e a falta de meios tecnológicos não possibilitaram a sua concretização. Assim, e aproveitando as frequências dos canais que transmitiam nacionalmente, foram surgindo algumas televisões piratas, uns com mais tempo de duração e outros menos. Assim,

achamos pertinente abordar as experiências ou (in)experiências das televisões que foram surgindo, mesmo sem a devida legalização. Ainda neste fazemos referência à produção noticiosa levado a cabo pelos OCS, nomeadamente os critérios de noticiabilidade e analisamos o processo de *gatekeeping* levado a cabo pelos *gatekeepers* da RTP do Porto, que no caso eram os chefes de redação.

O terceiro e último capítulo deste trabalho refere-se ao estudo de caso, tendo como alvos de análise os principais blocos informativos da RTP 1 (Jornal da Tarde e o Telejornal) e da RTP 3 (360º e o 24 Horas). Para levar avante este estudo de caso foi preciso definirmos a metodologia de análise aplicada, neste caso a análise de conteúdo, que nos permitiu interpretar de forma mais clara os dados obtidos durante os 15 dias e que nos permitiu organizar os gráficos de forma a tornar mais percetível. Também achamos necessário definir os perfis dos quatro blocos informativos, para que pudéssemos perceber em que meio estamos a trabalhar e conseguir interpretar os dados de acordo com o programa informativo.

Durante duas semanas (de 14 a 28 de dezembro) foram analisados estes blocos informativos para perceber qual é a preponderância das notícias locais e regionais, tendo em conta que são espaços informativos que emitem maioritariamente peças de interesse nacional. Para procedermos à análise levamos a cabo todas as notícias regionais e locais que foram transmitidas de forma a estudar o peso que estas têm nos blocos informativos. Também foi feita uma separação para sabermos quais as categorias temáticas mais abordadas em termos regional/local. Tentámos ainda perceber quais as editorias predominantes e o peso que estas tiveram como notícia de abertura.

Por fim e para encerrar o capítulo, fizemos uma abordagem geral das notícias que marcaram as duas semanas de análise e tentamos perceber até que ponto são as notícias locais a dominar um espaço informativo.

Capítulo I

Calendarização, Caraterização e organização da empresa, Atividades desenvolvidas e Produto Final

1. Calendarização do Estágio

O estágio curricular decorreu no período entre 05 de Outubro de 2015 e 19 de Fevereiro de 2016, cumprindo assim as 800 horas exigidas.

O estágio na RTP inicialmente tinha uma duração de três meses (5 de Outubro a 31 de Dezembro de 2015). Porém foi feita uma proposta de prolongamento do estágio pelo aluno na Antena 1, completando assim as 280 horas que ficavam em falta.

O período de estágio desenvolveu-se em duas fases, um de três meses e outro de um mês e meio, na RTP 1 e na Antena 1 respetivamente.

A carga horária era de 8 horas por dia, das 09:00 até às 17:00 com uma hora de almoço e com os fins-de-semana livres. Porém o horário podia variar de acordo com a disponibilidade dos editores de imagens e das horas dos serviços. O aluno teve a necessidade de faltar dois dias, mas estes foram compensados no fim-de-semana.

2. Caraterização da empresa

A RTP é a única televisão de serviço público em Portugal, com sede em Lisboa e no Porto. Marcelo Caetano foi um dos impulsionadores que aconselhou Salazar a constituir uma televisão nacional e assim surge RTP – Rádiotelevisão Portuguesa, S.A.R.L., a 15 de Dezembro de 1955. Um ano mais tarde iniciava-se então as emissões experimentais do canal do Estado, a 4 de Setembro de 1956. Um ano depois o canal público começa então a ter emissões regulares a partir de Lisboa a 7 de Março de 1957.

A expansão do canal foi acontecendo a passos largos e em 1959 a RTP torna-se membro da União Europeia de Radiodifusão. Um ano mais tarde as emissões da estação pública de televisão passavam a ser transmitidas para todo o país.

Assim foi-se escrevendo a história da estação pública de televisão e surge o segundo canal do canal, a UHF, que anos mais tarde, a partir de 1978 o nome foi alterado para a RTP 2 e mantêm-se até os dias de hoje. Tal como acontecera em muitos países europeus, foi o serviço público de televisão a lançar os primeiros canais de televisão regionais, sendo aqui em Portugal a RTP, com a RTP Madeira em 1972 e RTP Açores em 1975. Estes dois canais regionais surgem com o intuito de fazer chegar às populações dessas duas regiões autónomas a informação e a realidade regional, uma das responsabilidades da prestação do serviço público de televisão.

Porém, após o 25 de Abril em 1974, o estatuto da empresa concessionária da radiotelevisão foi alterado e em 1975 a RTP foi nacionalizada e foi transformada na empresa pública Radiotelevisão Portuguesa E.P. A emissão a cores chega ao canal a 7 de Março de 1980, mas não chegava ainda a grande parte da população, na medida em que estes não possuíam equipamentos apetrechados e capacitados para acompanhar esta evolução.

Foi na década de 90, mais propriamente em 1992 que surge a necessidade de servir a população portuguesa que se encontrava fora do país e criou-se a RTP Internacional, que também prolonga-se até aos dias de hoje. Os países lusófonos também fazem parte da história do canal que no dia 7 de Janeiro de 1998 iniciaram-se as emissões regulares da RTP África. O canal fez parte juntamente com a RDP e com a Agência Lusa parte da sociedade anónima de capitais exclusivamente públicos

designado Portugal Global, SPS, S.A., que viria a ser extinta em agosto de 2003 o que implicou uma reestruturação do sector empresarial do Estado na área do audiovisual.

No ano de 2001 a RTP aposta num canal exclusivo de informação e surge a NTV, com "a intenção de criar a primeira redação polivalente do país, com jornalistas capazes de recolher som e imagem e de editar quase na totalidade as suas peças" (Mota, 2005, p. 125). Estela Machado é uma das jornalistas que integrou a redação da NTV e que desempenhou várias tarefas que ia muito além do captar e editar as imagens. Estela revela-nos que trabalhou como jornalista multimédia "que contemplava até fazer legendagens, oráculos e títulos, que entravam todos de forma automática" (Machado, E., personal communication, 27 de junho de 2016).

A pivô salienta que a vertente conferida à NTV "foi em função do público-alvo e do mercado audiovisual na altura do surgimento do canal" (idem), numa época em que não havia concorrência à SIC Notícias, que consegui por muito tempo o segmento.

Em 2004 a RTP passa a adquirir totalmente a NTV, pois 25% já pertencia ao canal de televisão do Estado. Com origem na cidade do Porto e com sede no Monte da Virgem, em Vila Nova de Gaia, tal como aconteceu com o SIC Notícias - CNL, veio a transformar-se num canal de informação especializado, mudando o nome para RTPN e iniciou as suas emissões a 31 de Maio de 2004. Com o fim da NTV, os jornalistas que faziam parte daquela redação foram integrados na RTP. A jornalista pivô do programa 18/20 da RTP 3 revela que, o fim da NTV não está relacionado com a organização do trabalho ou a forma como assumiram as funções, mas sim "questões de ordem financeira". Como nos revela Estela Machado, esta transição da NTV para a RTP "foi um processo demorado e que deu muita luta. Trabalhamos muito, crescemos ainda mais e aprendemos" ((Machado, E., personal communication, data competa)

Com o fim da NTV e com a reintegração dos jornalistas na RTP houve uma necessidade de reestruturar a empresa, nomeadamente a grelha de informação, que sofreu várias alterações. Estela Machado afirma que "a diferença é muito grande" no que toca aos critérios de noticiabilidade da NTV comparativamente a RTP, mas garante que "o profissionalismo é o mesmo" e salienta que "a experiência do canal do Porto e da região foi fundamental para uma grande escola de jornalistas que se formou nessa altura". (Machado, E., personal communication, 27 de junho de 2016).

Refere também haver algumas diferenças a nível de produção da NTV e da RTP, na medida em que no primeiro "o jornalista assumia mais funções – era jornalista multimédia e trabalhava num registo mais voltado para os interesses regionais". Na RTP, o conceito editorial é mais abrangente, ou seja, mais de âmbito nacional, em que "o repórter assume apenas o papel correspondente a essa missão", salienta a jornalista.

2.1.A Norte TV e a Rádio e Televisão de Portugal

O jornalismo regional tem vindo a ganhar cada vez mais terreno no mundo do jornalismo, mas segundo Dina Aguiar, jornalista e apresentadora do programa dedicado às regiões, o Portugal em Direto, ainda não tem o destaque que merece", (Aguiar, personal communication, 24 de junho de 2016). Refere que neste aspeto a RTP "faz o que pode" e que neste momento é a única estação com espaço próprio para a informação regional em sinal aberto.

Como iremos ver mais à frente, a questão económica é um dos entraves que não permite grandes investimentos para que haja um avanço neste meio. Para este autor, apesar de todas as dificuldades económicas que afetam a imprensa regional,

> o potencial noticioso do nosso país e das comunidades merecia mais empenhamento e uma maior aposta nas temáticas regionais até porque esta [imprensa regional] tem um papel importante na manutenção dos laços familiares e culturais não só entre as populações locais como entre as comunidades emigrantes. Aguiar, personal communication, 24 de junho de 2016).

A profissionalização dos jornalistas que dedicam ao jornalismo regional, também é uma das questões que se coloca quando falamos neste tipo de imprensa. Muitos dos profissionais que se dedicam a esta área fazem-no devido a um certo amadorismo acabando "uns por ter melhores condições de trabalho do que outros". Porém, Dina Aguiar afirma que "hoje em dia têm a vida mais facilitada com as novas tecnologias de informação e comunicação". Assume que, "o constante desenvolvimento das tecnologias informáticas, com acesso a base de dados, a bibliotecas virtuais estão a provocar mudanças radicais na organização do trabalho jornalístico". O tecnológico vem potenciar novos instrumentos de trabalho para os jornalistas, bem como o surgimento de diversos canais por cabo e pela internet, mas "mesmo assim os canais

generalistas não dão resposta aos interesses e necessidades do grande público", refere Aguiar.

O meio televisivo continua nos dias de hoje a ser o meio mais influente e poderoso na transmissão de informação, quer nacional ou regional. No que toca ao jornalismo regional, a RTP tem uma responsabilidade acrescida, não só porque está na Lei, mas também pela sua obrigação como serviço público de televisão.

A RTP apesar de ser um canal generalista tenta manter essa vertente regional levando até aos telespectadores a informação regional, tanto a nível nacional como internacional, o que na opinião da jornalista "deveria ser reforçado ainda mais, criando um programa que fosse um espaço de reflexão sobre temáticas regionais ou locais", como forma de "debater as questões que se colocam às comunidades locais e á sociedade em geral, na perspetiva da promoção do desenvolvimento regional e local, inclusive através da interatividade com os telespectadores" (Aguiar, 24 de junho de 2016).

O jornalismo de proximidade ou jornalismo regional apesar da importância que tem no seio de uma sociedade, continua a ser um tema pouco estudado e debatido. Dina Aguiar revela que isto acontece porque "o jornalismo regional sempre foi considerado o parente pobre (…) jornalismo de segunda" não tendo sido dada "a importância que merece e que tem no quotidiano das pessoas (Aguiar, personal communication, 24 de junho de 2016).

Outras das questões muito ligadas à prática do jornalismo regional, tem a ver com a dependência desta com as fontes de informação devido a esta proximidade. Assim e questionada sobre esta possibilidade, Dina Aguiar afirma que "pode levar e isso pode acontecer com todo o tipo de jornalismo, desde o político, ao social ou cultural" (idem). Porém, salienta que "compete ao jornalista defender e reger-se por critérios e códigos de ética de um jornalismo de rigor, isenção, independência e imparcialidade, ou seja, pelo código deontológico do jornalista" (idem)

Em suma, o jornalismo regional tem um papel crucial e "altamente relevante", tanto a nível nacional como internacional, "em especial junto das comunidades de emigrantes espalhadas pelo mundo" (idem). A autora ainda salienta a importância de

manter os laços de familiaridade, sendo que em alguns casos é a única forma que estes têm de se manter informado sobre aquilo que se passa nas suas localidades.

Segundo a jornalista, somos uma ilha no meio do oceano, mas é preciso não esquecer que vivemos numa aldeia global em que o que conta são as pessoas. E enquanto houver pessoas haverá sempre histórias particulares e fantásticas para contar a nível global…e quando deixarmos de ter isso deixaremos de ter audiência. (Aguiar, personal communication, 24 de junho de 2016).

2.1.1. O caso do Portugal em Directo

O programa da RTP 1, apresentado pela Dina Aguiar é um dos blocos de informação especializada com maior audiência e conta com o apoio dos centros regionais da estação pública de televisão para levar a informação de proximidade até ao público.

O Portugal em Directo veio substituir ao programa "Regiões" reformulando toda a sua estrutura, tendo em vista um melhoramento nos conteúdos transmitidos e um alargamento para o maior número de localidades, para que possa captar mais público. Apesar de toda a mudança para proceder à "lavagem de rosto", o programa continuou a ser transmitido no mesmo horário e é um dos programas de informação mais visto.

A preparação do programa é definida em conjunto com os outros programas informativos do canal, pois a agenda dos blocos como o Jornal da Tarde ou o Telejornal são os mesmos que a do Portugal em Directo, como refere Dina Aguiar:

A agenda geral da informação regista e propões temas que depois são selecionados nas reuniões semanais, em função das temáticas e dos programas (no das reportagens consideradas intemporais) e nas reuniões diárias de alinhamento, no caso da atualidade. Aguiar, personal communication, 24 de junho de 2016).

Assim, podemos referir que no topo da seleção noticiosa está a atualidade, ou seja as notícias mais recentes e que só têm importância se transmitidas na altura e que não são intemporais. Neste ponto o papel desempenhado pelos Centros de Informação

Regionais (CIR) torna-se importantíssima, na medida em que estes vêm a realidade que está à sua volta, mostrando temas de interesse de um dada região, ou seja "os CIRs têm a sua própria agenda e propõem reportagens diariamente, até porque eles estão no terreno e conhecem melhor a realidade informativa local" (idem).

Os assuntos de âmbito local, como os problemas que afetam o normal funcionamento da sociedade, os eventos regionais que servem para dar mais visibilidade às regiões são os privilegiados para compor o alinhamento do programa, ou seja tudo o que esteja ligado às comunidades locais, com conteúdos diversificados que abrangem os vários sectores da sociedade. Mas Dina Aguiar, revela-nos que para constituir o alinhamento há um grande foco nos temas intemporais, como por exemplo "gente empreendedora, criativa, positiva. Histórias de vida, exemplos positivos que possam servir de exemplo. Queremos ajudar a construir, enaltecer…não destruir" (Aguiar, personal communication, 24 de junho de 2016).

2.2. O início da RTP 3

A antiga RTP N e a RTP Informação é agora a RTP 3. Com o mote "Informação, Informação, Informação", nasce no dia 4 de Outubro de 2015 com uma grelha de informação variada e atualizada, que inclui programas de análise informativa, desporto, investigação jornalística e debates, com base em três regras: rigor, isenção e pluralismo.

O novo canal de informação da estação pública de televisão liderada por Paulo Dentinho, surge com o intuito de colmatar a falta de audiência do anterior canal, que se encontrava atrás dos outros dois principais canais de informação da televisão portuguesa, a SIC Notícias e a TVI 24. Assim, surge o novo canal de informação da RTP, a RTP 3 com uma renovação desde da grelha de programação, passando pelo mote até ao grafismo. O lançamento da RTP 3 coincide com a noite das eleições legislativas. Com um "Especial 3" apresentado pelos jornalistas da "casa" José Rodrigues dos Santos, Carlos Daniel e João Adelino Faria.

João Adelino Faria afirma que vai ser um canal de "informação, conhecimento, de análise" e ainda com "mais debate, mais ideias, mais intenções, mais rigor" (Faria, A. 2015 *in* económico) Com este novo formato, Carlos Daniel defende que vai ser um canal que vai debater todos os temas da atualidade, com um número "cada vez mais" de telespectadores. O jornalista afirma que os profissionais vão fazer jornalismo "que no fundo é aquilo que a RTP pretende na informação fazer há muitos anos" (idem).

O diretor de programas da RTP, Paulo Dentinho garantiu ainda que estabeleceu parcerias com vários jornais (Observador, Diário de Notícias e Jornal de Notícias), que serão os convidados privilegiados quer no estúdio ou nas entrevistas via *link.* No que toca ao nível de audiência do canal, tanto Dentinho como o presidente da estação referem que com esta aposta querem ver aumentar os números, em relação às concorrências, na medida em que a RTP Informação era o canal de notícias menos visto pelos telespetadores "com um *share* de audiência médio de 1%, abaixo da SIC Notícias (1,8%) e da TVI24 (2%).

Porém os números relativamente às audiências do mês de Março, não apontam para um crescimento do número de telespectadores, altura em que o canal registou

apenas 0,5% de *share* e uma audiência média de 0,1%, o que corresponde a mais ou menos dez mil espectadores.

2.3.Organização da redação

As instalações da RTP Porto encontram-se localizadas no Monte da Virgem em Vila Nova de Gaia, desde de 1959. No mesmo espaço onde se encontram as instalações, também está localizadas empresas como a PT Telecom, a Antena 1, a Sport TV e algumas empresas independentes, como é o caso da Farol Ideias.

Ao que diz respeito às infraestruturas estas se encontram distribuídas pelo rés-do-chão, 1º, 2º e 3º pisos, sendo que no rés do está o gabinete de relações públicas e as salas de grafismo, no 1º piso o AGS, o Estúdio, a régie e a pequena sala para a linguagem gestual.

No 2º piso encontram-se a sala de edição, a produção, nomeadamente dos programa de entretenimento que é transmitido aos sábados e ainda o arquivo, onde os jornalistas têm que se dirigir para recuperar imagens de peças que já foram transmitidas, caso necessitem delas para uma nova peça. Também é no arquivo que disponibilizam aos estagiários as cassetes onde estes guardam as peças editadas para depois no fim, o AGS possa passar as peças selecionadas para o noticiário final para o servidor. Ao longo do estágio tivemo-nos que dirigir várias vezes ao AGS para pedir aos funcionários para prolongarem a data dos brutos, na medida em que as vezes não era possível editar nos dois dias a seguir a peça e então havia essa necessidade de guardar o bruto por mais tempo.

No terceiro piso, temos então a redação da RTP, que num mesmo compartimento encontram-se os jornalistas, os editores, os chefes de redação, a agenda e a produção. Contudo estes encontravam-se divididos por mesas: os profissionais da agenda partilham do mesmo espaço com os da produção, os coordenadores, editores e pivôs. Partilham uma mesma mesa. Já os chefes de redação encontram-se logo à entrada do mesmo compartimento. Os jornalistas de desporto são os únicos que se encontravam organizados num mesmo sítio. Os outros jornalistas ficavam numa mesa a seguir aos coordenadores, editores, pivôs. Ainda dentro da redação tínhamos uma pequena divisão que era uma cabine devidamente apetrechada para as entrevistas feitas pelo telefone. No

mesmo piso, mas fora da redação, está situado o gabinete do diretor do centro regional norte.

Os recursos humanos da empresa encontram-se situados no terceiro andar do edifício da Antena 1, que há nove anos foi inaugurado por Augusto Santos Silva, quando se deu a fusão entre a RDP e a RTP.

No exterior do edifício encontram-se os carros de reportagens da RTP e da Antena 1, o estúdio onde é feito a emissão da Praça, a Farol Ideias e ainda o refeitório. À entrada das instalações temos o departamento dos transportes, que trata da logística dos mesmos, para que estes possam "chegar" para todas as reportagens, visto que a RTP e a Antena 1 partilham as mesmas viaturas.

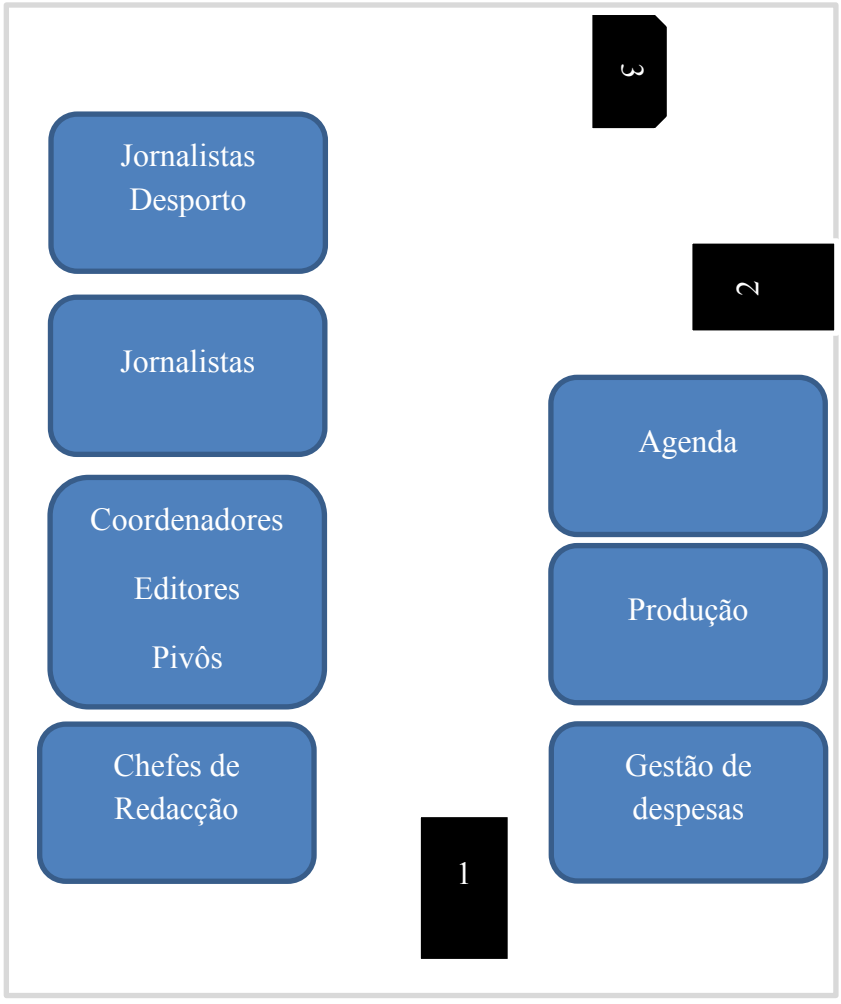


Figura 1 A redação da RTP Porto

A figura acima representada mostra como estão disponibilizadas as mesas na redação. O retângulo numerado como um corresponde a entrada principal da redação; o número dois dá acesso aos restantes pisos, nomeadamente ao estúdio, régie e AGS; o número três corresponde a pequena cabine que se encontra no fundo da redação, para a realização das entrevistas feitas via telefone.

2.4. Atividades desenvolvidas

A primeira semana de estágio foi essencialmente para perceber o funcionamento da redação e a rotina de trabalho dos jornalistas e das outras secções que contribuem para o produto final. Deste modo conseguimos perceber como funciona todo o processo de produção da informação. Porém, é com a realização dessas tarefas que percebemos a ligação que existe entre eles, a forma como conseguem articular para obter o produto final.

Aquando da chegada à redação, é-nos facultado um endereço de *e-mail* da empresa e uma palavra-passe, que nos permite ter acesso a todo o sistema e contactar as fontes.

2.5.A agenda de informação e a produção noticiosa

É imprescindível que não haja um serviço de agenda nas redações dos órgãos de comunicação social, que é o primeiro momento em que um dado acontecimento pode ser transformado em notícia. A leitura dos jornais impressos nacionais, quer pelos trabalhadores da agenda, quer pelos jornalistas ou até pelos coordenadores e chefes de redação, para perceber se há algum acontecimento com valores notícia. Contudo há ao longo do dia uma atualização da informação que consta dos jornais impressos, nos *sites* dos respetivos órgãos de comunicação social na internet.

A equipa da agenda da RTP Porto é composta por quatro profissionais, que no centro têm como função selecionar possíveis factos que podem ser transformados em notícia. Um trabalho de seleção onde mais do que receber e analisar o que se chega a caixa de entrada do *e-mail*, é analisar desde já, neste primeiro contacto com o assunto o

critério de noticiabilidade e se realmente se se enquadra naquilo que é a missão e aquilo que são os valores da estação.

Essa foi uma das primeiras tarefas que realizamos ao longo do estágio: acompanhar os *sites* dos órgãos de comunicação social, ler os jornais impressos que chegavam a redação e consultar as notas de imprensa das agências noticiosas, nacionais e internacionais. A partir daí selecionávamos um assunto, um acontecimento com potencial para ser notícia e procedíamos a sua produção.

As notas de imprensa das agências noticiosas internacionais eram as únicas que muita das vezes não havia uma necessidade de sair da redação, sendo que eram disponibilizadas as imagens do acontecimento e possuímos um código de acesso da empresa, que nos permitia aceder ao conjunto de imagens.

É importante que haja uma lista de contactos que já terão sidos utilizados, mas que poderão vir a ser úteis em um outro momento, para uma outra reportagem. Aprendemos que nunca se deve eliminar um contacto, devemos mantê-lo sempre na base de dados de contactos.

A internet veio de certa forma alterar a rotina de trabalho nas redações, sendo que o fluxo de informação torna-se cada vez maior e há uma maior velocidade na publicação das notícias.

A agenda de informação faz parte do processo da construção noticiosa e os serviços para o dia seguinte começam a ser marcados no dia anterior. Através das notas de imprensa que chegam percebemos que há algum acontecimento que tem potencialidade de ser transformado em notícia e assim se inicia as chamadas telefónicas para conseguirmos entrar em contacto com as fontes.

Não só pelas notas de imprensa se faz o serviço da agenda. Há também uma forte dependência com os telex das agências noticiosas, nomeadamente da Agência Lusa, que constantemente atualiza a informação e quando se tratava de notícias de última hora, de imediato entravámos em contacto com as fontes para saber do acontecido.

Não cabe somente à agenda intervir neste processo de seleção de notícias. Muitas das vezes são os próprios jornalistas que sugerem acontecimentos com um

potencial para ser transformado em notícia. Porém, a decisão se este é de facto um acontecimento relevante e com valor-notícia, cabe aos chefes de redação, que após uma criteriosa análise, decidem se se deve avançar ou não.

À par daquilo que por vezes é "exigido" aos média, os órgãos de comunicação social têm os seus próprios critérios de noticiabilidade. Como refere Canavilhas (2001), "existe um conjunto de critérios de selecção de acontecimentos, isto é, uma escala de valores que permite analisar o grau de possibilidade de um acontecimento se transformar em notícia" (p.).

A este processo de seleção de notícias efetuado pelos chefes de redação, através dos critérios de noticiabilidade[1] dá-se o nome de *Gatekeeping*[2]. *Kurt Levin*, citado por Traquina (1993) afirma que "estes portões são regidos ou por regras imparciais ou por um grupo de poder, que tem o papel de decidir: o que vai aprovar e o que rejeitar" (p.142. Na delegação norte esta decisão era sempre tomada pelos jornalistas Hélder Silva e Sandra Sá Couto, atuais chefes da redação do centro regional do norte.

Porém este processo de seleção leva alguns autores a questionar um dos aspetos importantes no desempenho do trabalho do jornalista: A imparcialidade. É neste sentido que Traquina (2002) refere que "o *gatekeeper* é associado à pessoa que toma uma decisão numa sequência de decisões" (p. 77).

O *e-mail* também é uma das fontes na qual chegam muitas informações, quer de empresas ou histórias pessoais que são pré-selecionadas primeiramente pelos trabalhadores da agenda e posteriormente pelos chefes de redação. Muitas das vezes a importância de cobrir um evento não está relacionado pelo tipo que é, mas sim pelos intervenientes, que em vários casos podem prestar declarações que estejam relacionados com algum tema da atualidade.

No caso da RTP há um enorme número de notícias e reportagens diárias que são produzidas, mas que ficam pendentes, devido à existência de um tema com maior

[1] Conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento ou assunto são suscetíveis de se tornar notícia, isto e, serem julgados como notícia (Traquina, 2002, p.173)

[2] Termo utilizado pela primeira vez por *Kurt Levin* em 1947. Traduzido apara o português significa "portões" ou "barreiras".

relevância e importância. Estes casos ocorrem somente quando os assuntos não perdem atualidade.

A semana em que realizamos o estágio foi propícia para percebemos isso, porque estávamos na altura em que decorria as campanhas presidenciais e os candidatos iam às regiões fazer a campanha e era enviado de imediato para o terreno uma equipa de reportagem para acompanhar o candidato.

2.6.Produção

Este é um processo fulcral para aquilo que é a produção dos principais blocos informativos, com emissão a partir do porto dos dois canais, RTP 1 e a RTP 3.

Para levar a informação até ao nosso público, para além dos pivôs que dão a cara pelo canal e que já são identificados pelo público como a "cara" da estação, existe um trabalho árduo que se faz atrás das câmaras.

Nesta fase trabalhamos como um elo de ligação entre o coordenador do bloco informativo, o pivô e os produtores, na medida em que muitas das vezes faziam este bloco com a presença de um convidado especial para o painel de comentadores dos programas.

O coordenador é aquele que faz o alinhamento das peças que vão ser transmitidas ao longo de mais ou menos uma hora de emissão. É da responsabilidade dele e dos profissionais da produção pensar em todo o cenário ao longo da hora informativa. A jornalista que vai apresentar o bloco informativo, por seu turno vê os *pivôs* feitos pelos jornalistas e adapta-os a sua maneira caso haja esta necessidade.

Durante toda a produção de um determinado bloco informativo neste departamento damos todo o apoio logístico na redação e depois na régie, juntamente com o coordenador e os operadores técnicos que comunicam com o pivô no estúdio e com o responsável pela informação que passa em rodapé.

Toda a dinâmica que se passa no estúdio, desde o posicionamento do jornalista, dos convidados, dos operadores de filmagem, é comandado pelos produtores que se juntam na régie, formando uma equipa com 12 profissionais.

2.7.A equipa de reportagem

Foi numa segunda fase do estágio que começamos sair para o terreno a acompanhar os jornalistas na recolha do material para a reportagem. Foi ao longo deste processo que nos foi possível ter a perceção real de um dos momentos mais importantes a nível de informação televisiva.

A equipa de reportagem é habitualmente constituído pelo jornalista e pelo repórter de imagem.

Há também aqui uma ligação com a agenda, pois serão eles que vão disponibilizar todas as informações de onde decorrerá o acontecimento. É, por isso, que torna-se importante ter a morada completa, pois facilita o repórter de imagem, que também é o condutor a chegar ao local.

Um dos valores-notícia apontado pelos autores *Baranek* e *Chan* (1987, p. 139-169) refere ao inesperado. Este elemento pode ocorrer quando o jornalista se encontra no terreno, ou seja, o acontecimento pode não ocorrer de maneira que foi planeada pelos coordenadores e aí há a necessidade de ligar ao coordenador e reportar aquilo que está a acontecer. Como exemplo: num dia que fomos ao terreno tratava-se de uma manifestação dos alunos da escola D. Infante Henrique, que estariam contra a falta de equipamentos e condições da escola. Quando chegámos no terreno, deparamos com um grupo de alunos menores, que encabeçavam o movimento. No terreno falamos com uma das responsáveis pela manifestação para tentar perceber aquilo que estava em causa e mesmo assim não havia dados suficientes, e para além disso, os intervenientes eram todos menores, o que implicava uma autorização dos pais para serem entrevistados. Estando a lidar com esta situação, ligámos para o coordenador do Jornal da Tarde e depois de explicar o ocorrido, foi então dito que não havia valores-notícia que pudesse transformar o acontecimento em notícia.

Nesta etapa o nosso trabalho inicia-se ainda na redação com a recolha de informação sobre o assunto. O jornalista explica ao repórter de imagem aquilo qua vai fazer e ao longo do caminho vão ver as opções que têm para a realização da entrevista. De imediato quando chegamos no terreno, o jornalista dirigiu-se de imediato às fontes com quem iriamos falar e é neste momento que o repórter de imagem monta o

equipamento e a jornalista inicia a sua tarefa de recolha de informação junto do entrevistado, estando assim os dois profissionais a fazer a cobertura do evento.

O jornalista prepara o roteiro das questões essenciais para as quais deverá obter as respostas no terreno, enriquecendo o mais que puder, de forma a poder obter algo de novo ou destacar algum aspeto mais importante da notícia, na medida em que estará no terreno com outros colegas de outras emissoras que estão a fazer o mesmo trabalho. Ou seja o jornalista tenta realizar a peça de forma a ter um fator diferenciador, tendo em conta as outras emissoras e de forma a identificar aquilo que foi feito com o "ideal" da estação. Após a finalização das entrevistas tanto o repórter de imagem e o jornalista analisam o material que tem disponível.

Quando fazemos o "trabalho de casa" na redação, nunca devemos planear na íntegra o que vamos fazer ou perguntar, pois no terreno podemos deparar com outras situações e pode haver a necessidade de alterar o trabalho. Assim o jornalista deve ser consciente de que pode ocorrer uma situação de imprevisibilidade o que pode dificultar a recolha da informação.

Uma das dificuldades que nos deparámos no exterior foi falar com os intervenientes, no colocar as questões. O jornalista deve explicar aos intervenientes como vai decorrer a recolha de informação e prepara-lo para a entrevista, apesar da agenda já o ter alertado para falar. O que acontece no terreno é as pessoas perguntarem: o que é que me vão perguntar?. Nesta situação nunca devemos revelar as perguntas, no máximo podemos explicar em que moldes vai decorrer. Num primeiro momento as pessoas mostram reticentes, mas aí o jornalista deve ter a capacidade de dar a volta.

A forma como se aborda a notícia, desde da sua preparação na redação até ao terreno, determina a informação do canal. Assim, a forma como se recolhe as imagens, como elas são tratadas e como são editadas, podem ou não valorizar o produto final, na medida em que pode ser um seguimento de imagens que pode captar a atenção do público e fazer com que este perceba essa sequência.

A estrutura pode sobrepor-se ao conteúdo, se as imagens apresentadas forem fortes o suficiente para captar a atenção do público e este conseguir perceber o que está a acontecer.

2.8.A edição das peças

No centro regional norte existe uma sala de edição com quatro "cabines", onde trabalham seis editores que estão distribuídos por turnos.

Ao chegar à redação o jornalista tem que se deslocar primeiramente ao AGS[3] e posteriormente à sala de edição para preparar o produto final. O último passo deste processo é a transmissão da reportagem. As peças para os principais blocos informativos da RTP 1 e da RTP 3 devem ter no mínimo 1:50 e no máximo 2:50.

O tempo do processo de edição varia conforme for a peça e para que tipo de programa é. O jornalista tem que transmitir ao editor aquilo que foi feito no terreno para que este comece a desenvolver uma ideia de edição e adaptar a peça para o programa que foi pedido.

Como exemplo vou usar o caso do programa Portugal em Directo. Quando os jornalistas saem da redação para reportagens para este programa a captação de imagem que é feito pelo repórter é estruturada de maneira diferente, ou seja uma peça diferente daquilo que é feito para o Jornal da Tarde.

Quando se trata de uma reportagem para o Sexta às 9 normalmente demora mais tempo, e às vezes passa de um dia para o outro, porque para esse tipo de programa as peças necessitam de outro método, tendo em conta que se trata de um programa de investigação. Por vezes até quando o jornalista sai em reportagem para o programa, demora dias a recolher todo o material, quer as entrevistas ou as imagens.

Na redação da RTP Porto havia jornalistas que maioritariamente trabalhavam quase que "exclusivamente" para o programa, como é o caso do Luís Miguel Loureiro ou do Duarte Valente.

Como é normal acontecer há peças que exigem maior atenção e às vezes a seleção das imagens é mais demorado de se fazer o que provoca uma "fila de espera" na sala de edição. O momento mais "movimentado" na edição é o período da transmissão do JT, já que muitas vezes os jornalistas chegam das reportagens um pouco mais tarde e

[3] Sala onde se faz a monotorização dos programas transmitidos pela RTP 1 e a RTP 3 em Lisboa e no Porto. É nesta sala também que se entrega o bruto da peça, que é um cartão como tudo aquilo que foi recolhido no terreno, para que possa estar disponível no servidor.

se a peça tem que entrar no Jornal da Tarde, têm que fazer o trabalho mias rápido o que causa um certo choque entre os jornalistas a quererem editar peças.

2.9.Produto Final

O estágio permitiu-nos ter uma perceção real da rotina de trabalho dos profissionais que se dedicam a esta área do jornalismo. Tivemos ao longo do período de estágio acompanhar todo o processo de produção dos blocos informativos, quer no estúdio, na régie ou no terreno dos principais programas informativos dos dois canais (RTP 1 e RTP 3) e perceber a forma como estes se processam.

Tivemos oportunidade de passar por todos os departamentos que fazem parte da rotina de trabalho dos jornalistas, que mais tarde seria aplicada no noticiário final que será apresentado pelo aluno.

Nesta etapa fizemos tudo o que um jornalista faz, desde da preparação de todo o material na redação antes de ir para o terreno, à recolha das informações junto das fontes, selecionar as imagens e gravar o *off* da peça. Também tivemos que prestar o papel de coordenador que neste sentido fez o papel de *gatekeeper*, ao seleccionar as peças que iriam fazer parte do alinhamento final do noticiário, o de editor e ainda de pivô. Ainda a tarefa de fazer os oráculos ficou na nossa responsabilidade.

2.9.1. O noticiário

A duração de cada uma das peças nunca ultrapassou o tempo máximo das peças para este tipo de noticiário, exceto a do falso direto que durou 3:46. A duração das restantes esteve entre os 1:21 e 2:49. As peças são enviadas para o servidor e a partir daí os produtores na régie têm acesso a todo o conteúdo para depois passar no teleponto. A entrada e a saída dos oráculos ficaram a cargo de um produtor na régie.

Na emissão do 17 às 3, o programa qua atualiza a informação hora a hora no canal exclusivo de informação, a RTP3 teve uma duração total de 20 minutos. O alinhamento ficou composto por sete notícias de cada uma das editorias: Política, Sociedade, Economia, Desporto e Cultura, sendo que nesta última foi um falso direto a partir de uma exposição de obras feitas por pessoas com necessidades especiais.

Da régie recebíamos as indicações de posicionamento do pivô, a disposição das câmaras e ainda os minutos que faltavam para o término de uma peça e para o início da outra. Toda a emissão do bloco foi controlada pelos produtores a partir da régie, juntamente com o coordenador.

3. Reflexões

O período de estágio permitiu-nos entrar dentro da indústria televisiva e perceber todos os processos que fazem parte desta área. Para além de perceber como desenrola esta rotina, também ficamos a conhecer e a saber como é produzido um noticiário para a televisão.

Deste modo, percebemos que a informação que chega até ao público deve ser trabalhada para que estes percebam a mensagem. A seleção de imagens, o texto em *off* complementam um ao outro e constituem os elementos principais de uma peça televisiva.

Por outro lado, as dificuldades a nível de construção das peças, mais propriamente em articular o texto com as imagens de forma que a mensagem chegasse ao recetor, no caso o público-alvo do canal. Para além de perceber como funciona na prática o trabalho jornalístico televisivo, também percebemos as questões de organização de uma redação e de outros departamentos em que os profissionais desempenham outras funções, nas quais não se podia produzir um noticiário sem os mesmos.

A azáfama de uma redação antes da emissão de um bloco informativo permitiu-nos observar que o tempo é um fator essencial, na medida em que está tudo cronometrado e o público está à espera que aquela hora comece um determinado programa. O estágio decorreu em períodos em que pudemos observar várias facetas quer na transmissão como na elaboração. Numa altura em que decorriam as eleições presidenciais, depois a queda do XX Governo, e a campanha para as eleições presidenciais, a rotina de trabalho alterou-se e isso foi verificável nos serviços que eram marcados na agenda.

Durante estes períodos houve uma mudança na transmissão dos programas e vimos aumentar a frequência com que os comentadores iam aos estúdios comentar aqueles temas que marcavam a atualidade. Durante a queda do XX Governo, a programação da RTP 3 acompanhou todos os momentos e isso obrigou a que o diretor de programas alterasse a grelha informativa.

Dentro das redações existe uma pressão: Tempo. Neste aspeto não só os jornalistas têm que levar isso em consideração, mas também toda a produção na medida em que não depende só de o jornalista trazer as coisas a hora. É preciso que haja uma organização a todos os níveis para que o jornal da tarde ou o 24 Horas possam ser emitidos a hora. Numa redação não há uma monotonia na rotina, pois todos os dias o jornalista é colocado à prova, sendo que a cada dia está perante novos desafios.

Numa sexta-feira em que há o Sexta à 9, a sala de edição está mais movimentada, sendo que há menos um editor que acompanha o jornalista Luís Miguel Loureiro na edição das peças. De Lisboa uma pressão para que seja enviada a peça e no Porto a pressão de ter outros colegas para editar.

Passamos também a ter a noção real de que os jornalistas não têm horários. Pois apesar da delegação do norte ter um horário, muitas são as vezes que os jornalistas saem tarde e têm que entrar logo de manhãzinha. O dia de trabalho do jornalista termina, quando este finaliza o seu trabalho. No caso da RTP há sempre um jornalista e um repórter de imagem que ficam de apoio, caso aconteça algo que não está programado para terem um profissional livre para dar cobertura.

Só foi-nos possível perceber a rotina de trabalho da redação com desempenho das funções e dedicação ao longo desse período. O processo em que acompanhamos os jornalistas em todos os processos de produção da informação, esclarecendo dúvidas e pedindo auxílio caso isso se verificasse na construção das peças. Mais do que estar dentro da redação é estar perto dos jornalistas, estar por dentro daquilo que se faz.

Com esta experiência profissional percebemos a responsabilidade que é atribuída aos jornalistas, e ajudou-nos a desenvolver a nossa própria estratégia de gestão das várias tarefas que tínhamos ao longo do dia. A imprevisibilidade é uma caraterística que muito se encaixa nestas duas semanas de estágio, na medida em que houve muitos

momentos em que se teve que alterar serviços na agenda de acordo com os temas e assuntos de última hora que ia acontecendo.

Outros dos aspetos importantes que podemos retirar desta experiência a par de todo o conhecimento obtido, está relacionado com os contactos que fomos mantendo e as pessoas que fomos conhecendo, na medida em que poderão ser úteis no futuro.

Como serviço público percebemos a responsabilidade que temos numa transmissão de informação clara e percetível para todos os públicos. Na agenda recebem todo o tipo de chamadas, quer de fontes institucionais ou de pessoas particulares a denunciar uma situação, na qual os profissionais têm que verificar a veracidade do acontecimento e perceber se este tem importância.

A maior movimentação da redação registam-se no período da manhã, tendo em conta que depois do Bom dia Portugal, a emissão da RTP 3 fica a cargo da delegação do Porto e o mesmo acontece ao longo do Jornal da Tarde. No período que antecede o 24 Horas, normalmente os jornalistas trabalham nas suas peças, os chefes de redação marcam serviços para o dia seguinte, a agenda entra em contacto com as pessoas que estejam relacionadas com um determinado serviço marcado. O último bloco informativo, o 24 Horas levanta o alvoroço da redação. Tudo isso faz parte da rotina dos jornalistas.

O facto que nos marcou efetivamente foi ao longo de todo este período conseguirmos integrar na redação, desempenhar as tarefas que nos foram confiadas e principalmente poder diferenciar e saber aquilo que é importante reter.

O espírito de equipa, de proximidade que se desenvolve entre os jornalistas na redação reflete na forma como é desempenhado o trabalho, na medida em que todo o produto final é o resultado de todo este processo de trabalho entre todos os departamentos da redação.

Foram vários os desafios colocados ao longo do período de estágio que nos permitiu superar todas as dificuldades. Para além de constituir um momento de aprendizagem, de aprofundar os conhecimentos, de conhecer mais uma das tarefas que está aliada a profissão de jornalista, há por outro lado um desenvolvimento profissional, na media em que há um aumento de conhecimentos e a nível pessoal, tendo em conta as relações interpessoais que mantemos e que nos ajuda na tarefa de lidar com as pessoas.

Na RTP fomos mais além daquilo que acreditávamos. Entramos na rotina da empresa, percebemos os critérios, porque era aquele e não este, e o mais importante, o que realmente é a notícia. Percebemos a tipificação das notícias e entramos num mundo em que agora começam a surgir novos formatos e novas práticas jornalísticas.

Capítulo II

Enquadramento teórico

4. O jornalismo de proximidade

4.1. A informação local

"Quando as notícias longínquas nos chegam à hora dos noticiários da noite, apercebemo-nos que nada sabemos do que se passou ao fundo da nossa rua". (Camponez, 2002)

Nos dias de hoje estamos perante novos desafios no mundo do jornalismo, nomeadamente no que toca ao chamado jornalismo de proximidade. Cada vez mais há espaços específicos para levar a informação às regiões que se encontram geograficamente distanciadas e que cada vez mais começam a ter um espaço nas agendas dos órgãos de comunicação social.

Segundo o estatuto de imprensa regional e de acordo com o Decreto-lei nº 106/88, entende-se por imprensa regional todas as publicações periódicas de informação geral, conformes à Lei de Imprensa, que se destinem predominantemente às respetivas comunidades regionais e locais, dediquem, de forma regular, mais de metade da sua superfície redatorial a factos ou assuntos de ordem cultural, social, religiosa, económica e política a elas respeitantes. De acordo com esta mesma lei é importante que não estejam dependentes, diretamente ou por interposta pessoa, de qualquer poder político, inclusive o autárquico (1988).

Para percebermos melhor este fenómeno do jornalismo de proximidade é necessário olharmos para o conceito, pois o termo em si acarreta algumas questões importantes. Quando falamos em proximidade estamos a referir a algo que nos é próximo ou que temos alguma relação. No mundo do jornalismo o significado é o mesmo, na medida em que à princípio deve haver uma relação estreita entre o jornalista e a região, ou também deve-se estar próximo do público que vai consumir a informação.

O público a qual se dirige a informação deve se sentir familiarizada, deve se identificar com aquilo que é transmitido. Assim torna-se igualmente necessário que haja uma preocupação por parte dos OCS na pertinência da notícia, na medida em que as notícias devem despertar interesse no seu público. Para produzir o jornalismo de proximidade é preciso que haja uma ligação entre a comunidade e os acontecimentos.

Como refere Peruzzo (2005), um espaço em que há elos de proximidade e familiaridade, os quais ocorrem relacionamentos (económicos, políticos, vizinhança, etc.) e laços de identidades os mais diversos, desde uma história em comum, até a partilha dos costumes, condições de existência e conteúdos simbólicos, e não simplesmente em decorrência de demarcações geográficas. (p. 69).

Apesar de só agora o regional e o local começarem a ocupar alguns minutos dos jornais televisivos, o conceito de jornalismo de proximidade já existe há algum tempo, mas atualmente houve uma necessidade de fazer chegar as notícias desse âmbito o mais próximo possível do seu público.

Assim, torna-se importante referir o papel do jornalismo de proximidade, no próprio jornalismo e perceber como refere Camponez (2002), como é que o fator proximidade pode ser entendido também como uma forma de fidelizar públicos, tanto nos meios de comunicação locais e regionais, como nos meios nacionais. Porém questiono: onde podemos encontrar a informação dentro desse vasto meio que é a internet?

Quando se fala em imprensa local, somos direcionados para os órgãos de comunicação inseridos numa determinada comunidade, distanciada geograficamente e que na maioria das vezes tem um público-alvo, ou de um determinado grupo com interesse naquela mesma comunidade. Mas, não podemos tomar a proximidade como um fator privilegiado da imprensa regional e/ou local, na medida em que existem os órgãos denominados de nacional onde cada vez mais se aplica a questão da proximidade, como forma de "ganhar" novos públicos.

Outro ponto que nos faz pensar no fator de proximidade enquadrado num órgão de comunicação nacional como a RTP, é perceber a origem das notícias tendo em conta o ponto de emissão do bloco informativo. Ou seja, de acordo com a região que a peça transmitida aborda, é claramente percebível qual é ponto de emissão, remetendo-nos assim para a questão da proximidade que se mantêm entre aquele ponto de emissão e as regiões abordadas.

A questão da proximidade ganha proporções amplas, visto que é um elemento que inserido na imprensa local é essencial, mas não deixa de ser um aspeto relevante

nos chamados "órgãos nacionais", tendo em conta que este é uma prática transversal ao jornalismo, mesmo que nestes dois tipos de imprensa tenha proporções diferentes.

A proximidade é vista na imprensa local como um elemento capaz de levar a informação mas além da própria comunidade. Nos meios nacionais, é um elemento que permite angariar novos públicos e fidelizar os que já se identificam com e que já procuram aquele órgão para obter determinada informação.

Contudo há que referir que não deve existir esta proximidade somente dos Média para com as localidades. Ou seja deve haver uma ligação mútua e assim conseguir maior visibilidade para outros públicos.

Ao falarmos de imprensa local e regional é importante referir que estes dois termos não estão intimamente ligados. Como refere Ferraz (2010), deverá ser feita uma distinção entre os dois géneros de imprensa. Há pequenos títulos regionais [os locais] com conteúdos bem mais interessantes e bem redigidos do que outros (tanto de nível nacional, como concorrentes de âmbito regional) que ostentam uma qualidade gráfica superior, maior projeção no mercado e mesmo reconhecimento nas instituições públicas, até as ligadas ao sector da comunicação social. As políticas dos últimos anos têm seguido essa norma de avaliação, em muitos casos, injusta.

Como assume Ramirez (2000) " a região ou o território é sobretudo uma relação entre pessoas, um espaço de apropriação e de identificação, uma construção social permanente" (p.15).

Um órgão de comunicação social ao afirmar ser de "proximidade" está a criar um pacto com uma determinada região e/ou localidade, sendo que tem como responsabilidade assumir compromissos com as gentes da região tendo em vista o desenvolvimento. Como o próprio nome diz [proximidade] os OCS, sejam eles jornais, rádios ou televisões, quando assumem esse papel têm que praticar o jornalismo de proximidade levando conteúdos de proximidade. Para Moragas, (2000) "entre os meios de comunicação social de proximidade e os destinatários há um conjunto de experiências compartilhadas e isso surge refletido nos conteúdos impressos ou emitidos". (p. 27)

4.2.A proximidade na era da globalização

Com o surgimento da internet e com os novos desafios do torna-se mais fácil aceder a informação em tempo real e aceder a outras notícias além-fronteiras.

Por um lado a globalização pode ter um papel importante na transmissão de informação de âmbito regional, mas em demasia pode dificultar os OCS a definir aquilo que é local e o que não é. Com isso estamos a dizer que, apesar do contributo da globalização na transmissão das notícias locais é preciso que se estabeleça uma separação entre o que é global e o que é local, para que possamos saber enquadrar e tratar a informação, de modo a que o consumidor se sinta identificado com o que está a ver e não distanciado da sua realidade individual.

Ou seja, apesar de termos a internet que disponibiliza uma vasta informação, o público vai à procura daquilo com que se identifica, aquilo que diz respeito à aquela comunidade que está inserida, e que de alguma forma encontra aquilo que procura.

Apesar de todo o fenómeno da internet, a informação local não deixa de ter um papel crucial no mundo do jornalismo, devido à sua especificidade, à importância que tem para as comunidades. Ao falarmos de global e local, não nos estamos a referir a dois extremos que se opõem, mas que interagem entre si, ainda que de uma forma desequilibrada. Conforme diz Camponez (2002), "O local é o lugar de compromissos comunicativos, que tanto podem direcionar-se para as denominadas de lugar como para as lógicas globais mais desterritorializadas".

Para Santos (2008), a imprensa local consegue dar aos leitores que procuram este tipo de informação aquilo que os espaços de informação nacional não conseguem oferecer. Exemplifica com o caso dos emigrantes, que considera como um segmento de público, que mesmo estando geograficamente distante, consegue sentir um elo de ligação entres as comunidades.

Como podemos ver no conceito desenvolvido por Marshall McLuhan *"Aldeia Global*[4]*"* é cada vez mais utilizado para explicar como é que se pode falar no local, quando estamos inseridos num mundo cada vez mais globalizado. "É esta *glocalização*

[4] Conceito desenvolvido na década de 60, para explicar os efeitos da comunicação de massa sobre a sociedade contemporânea em todo o mundo.

do século XXI, potenciada pelo digital, que fertiliza e reconstrói o conceito de proximidade e jornalismo de proximidade" (McLuhan 2010, p. 4). Garcia (2008) afirma que "nos últimos anos tem havido uma relação tensa, diacrónica e permanente entre o local, o global e o glocal[5]"

Porém, autores como Yves Agnès e Jean-Michel Croissandeau (citados por Camponez, 2012), o jornalismo de proximidade não se refere somente a questão geográfica, incluí também "as dimensões temporais, psicoafectivas, socioprofissionais e socioculturais.

Neste sentido podemos pensar o jornalismo de proximidade como um elo de ligação com a comunidade, levando uma informação próxima ou completar a informação disponível, visto que às vezes, uma determinada comunidade encontra-se mais próximo com aquilo que está longe do que com a realidade que se passa à sua volta.

Para além da responsabilidade em levar uma dada informação a uma determinada localidade, Coelho (2005) refere que existe uma função social dos Media passível de ser associada ao jornalismo de proximidade/regional e local. Isto porque, os meios de comunicação social de âmbito nacional percorrem atualmente outras etapas, nas quais se revela mais importante a notícia mercadoria, e em que os conteúdos se rendem a lógica das audiências.

O jornalismo de proximidade inclui-se na lista dos grandes desafios do século XXI para os media. Assim, torna-se importante referirmos e refletirmos sobre o enquadramento dos media locais nesta era da globalização, ou seja, percebemos onde podemos encontrar o que passa no "fim da nossa rua" (Camponez, 2002).

Porém, este processo de globalização é um tanto quanto contraditório. Como refere Morley e Robins (1995) "À medida que os territórios sofrem transformações, o mesmo acontece aos espaços de identidade. As culturas e identidades nacionais tornam-se mais problemáticas" (p. 108), ao mesmo tempo há um reforço na informação de proximidade que a passo e passo vêm conquistando um espaço na comunicação social e como referem os autores acima citados estes vêm "afirmando-se, agora, como pólos de identidade, comunidade e continuidade" (idem).

[5] Termo que resulta da junção de local e global

A relação que existe entre o global e o local cria condições para "uma nova lógica, uma nova geografia". Essa nova lógica, "está assente na desvalorização do papel do Estado, e consequentemente da cidadania e da identidade nacionais" (Morley & Robins 2005, p. 119).

Para Coelho (2005), nesta era da globalização o local e o regional não terão a dimensão *refundadora* que a ilusão de análises simplistas poderia querer atribuir-lhes, mas não deixa de ser curioso que, ao mesmo tempo que o mundo se torna único, o próximo e a tradição tenham conquistado um outro peso, assumindo, inclusive, a dimensão romântica de refúgios onde aqueles que tentam romper a lógica global parecem querer abrigar-se" (p. 116).

4.3.A implementação da informação local em Portugal

Os OCS radiofónicos e televisivos, começam a criar espaços específicos para transmitir este tipo de informação. Assim, e no caso particular da RTP nota-se um grande investimento neste âmbito, na medida em que são inúmeros os programas que dedicam em particular na transmissão de informação local e na qual já têm um público que se identifica com aquilo que se aborda no programa, tornando-o até como o programa de informação regional mais visto no horário das 18 horas. A Antena 1 também possui um espaço exclusivamente para a transmissão de informações de âmbito regionais, no horário entre o meio-dia e às 13:30, com o mesmo intuito do mesmo programa transmitido no final da tarde na RTP 1.

A informação regional em Portugal surge com o intuito de levar a notícia até as populações que têm interesse numa determinada região ou até mesmo às populações que se vêm geograficamente distanciadas e que necessitam de ter informação da própria comunidade em que está inserida.

A temática do jornalismo regional é algo que tem vindo a causar algumas discussões e que cada vez mais, tem sido alvo de estudo por parte de diversos autores. Mas mesmo assim, em Portugal existe ainda poucos estudos, relativamente a outros países da europa.

Segundo um estudo apresentado pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) (2010), "A imprensa local e regional, não obstante desempenhar um importante papel no sistema mediático português, enfrenta enormes problemas, entre os quais, o escasso investimento publicitário e outras fontes de receitas (sobretudo em áreas geográficas económica e empresarialmente pouco consolidadas)".

Ainda aponta o reduzido índice de leitura nas zonas do interior, a diminuição do número de assinantes, as dificuldades na distribuição, e, consequentemente, o seu impacto diminuto na vida política, económica, social e cultural, a nível nacional, ao contrário do que sucede nas respectivas zonas de circulação, onde o seu impacto é significativo (2010).

Para o antigo presidente do Sindicato dos Jornalistas, "os meios de informação estão a subestimar a importância da informação local e regional" (2010).

Por outro lado e relativamente à formação dos profissionais que se dedicam à esta área do jornalismo, há uma falta de profissionalização, pois em muitas das redações regionais/locais os profissionais não têm qualquer formação na área da imprensa regional, exercendo essa função devido a um certo amadorismo.

Vendo exemplos de publicações de caráter local, arrisco-me a afirmar que há uma participação ativa das populações das localidades no que toca a transmissão da informação, esbarrando no recente dominado jornalismo do cidadão, jornalismo cívico *(*Lambeth & Craig, 1995), jornalismo comunitário (Craig, 1995), jornalismo de serviço público (Shepard, 1994), jornalismo público (Rosen, 1994; Merritt, 1995).

Para Colman (1994) "o objetivo principal desta nova proposta para o jornalismo é mais claro. Para o considerado pai fundador do movimento, Jay Rosen (1994) "o jornalismo pode e deve ter o papel no reforço da cidadania (*citizenship*), melhorando o debate político e revendo a vida pública" (p. 373).

Para Sobral e Magalhães (1999), "O estatuto de amador ou apenas curioso não desculpa erros ou faltas mais ou menos graves. O leitor ou o visado por uma informação incorreta não tem obrigação de conhecer a situação laboral de quem escreve". (p. 25).

Como refere o ponto 1, do artigo 6º do Estatuto da Imprensa Regional (2010), para além dos jornalistas profissionais que exerçam as suas funções em publicações da imprensa regional, são ainda considerados jornalistas da imprensa regional os indivíduos que exerçam, de forma efetiva e permanente, ainda que não remunerada, as funções de diretor, subdiretor, chefe de redação, coordenador de redação, redator ou repórter fotográfico das publicações referidas no artigo 1 do presente Estatuto.

A ERC acredita que há ainda muito por fazer nesta área da imprensa regional nomeadamente, a necessidade de clarificação do estatuto de imprensa local e regional a redução do "porte pago"; a escassez de publicidade comercial e institucional, a ausência de controlo de tiragens, o acesso às fontes de informação e respetiva independência perante os poderes locais, entre outros. (2010).

Ao longo do tempo tem sido desenvolvidos vários estudos no âmbito da imprensa regional e local em Portugal, para perceber em que modo é que se desenvolve este tipo de jornalismo. Santos (2008) analisou os dados divulgados pela Associação Portuguesa de Controlo de Tiragem (APCT) e conclui que o que existe em Portugal é uma imprensa concentrada nas principais cidades" referindo ainda que "a maior parte dos jornais não vende mais do que 2.000 exemplares fora da grande Lisboa e do grande Porto. A autora salienta que o que existe nestas duas cidades "é uma imprensa urbana e suburbana. (pp. 28-29).

Para um dos principais autores no campo do jornalismo de proximidade, Carlos Camponez, existem vários aspetos que diferenciam a imprensa nacional da regional. O autor fala numa "diferenciação de territórios que uma e outra abordagem, distinguem-se também pela adoção de uma estratégia redatorial e pelo público que procuram abarcar". Outro ponto de diferenciação apontada pelo autor reside na aplicação de conceitos de massa e de audiência, uma vez que o autor considera que o território de pertença e de identidade pode restringir os media locais e regionais a formas de comunicação mediatizadas a uma escala mais restrita e comunitária. (Camponez 2002, p. 108).

O antigo presidente da ERC, Azeredo Lopes, não tem dúvidas quanto ao importante papel da imprensa regional no seio de uma comunidade, afirmando que este tipo de imprensa cultiva a proximidade, é útil para quem a lê, estimula ou, pelo menos, conserva laços identitários, culturais e históricos da maior importância (...). Acarinha o

particular, numa altura em que só se prega o global. Cultiva a língua portuguesa, num plano cada vez mais raro na Imprensa em geral. (Lopes, 2010, p. 18).

Apesar de todo o desenvolvimento a nível de imprensa regional, este tem ainda dificuldades em implementar devido a dois principais fatores: por um lado a fraca ou mesmo a ausência de capacidade financeira necessário para criar um projeto neste setor, por outro a desertificação das regiões geograficamente distantes, que se deslocam para os grandes centros urbanos. A título exemplificativo consideremos o caso do Jornal semanário Fonte Nova no distrito de Portalegre. Considerado um dos principais órgãos de comunicação social regional daquela localidade, este enfrentou alguma incapacidade financeira para investir no projeto. Isso viria a implicar que o jornal fechasse as portas, após momento crítico e reabrindo-as a 3 de Novembro de 2015, embora enfrentando algumas dificuldades.

A ERC reconhece a dificuldade em quantificar a imprensa regional[6] relativamente ao incentivo da leitura. Segundo números apontados pelo *ex*-ICS e GMCS[7], Em 2009 foram apoiadas 229 publicações; entre 2010 e 2011 houve um crescimento no número de publicações relativamente ao incentivo à leitura para 233 publicações: entre 2012 e 2013 o número de publicações apoiadas voltou a baixar, desta para os 203.

A 19 de Junho de 2013 a ERC dava-nos conta da existência de 579 jornais regionais em todo o país.

4.4.As televisões de proximidade

"A televisão de proximidade é, como vimos, a televisão posta ao serviço da comunidade, a televisão cúmplice do processo de desenvolvimento dessa comunidade, que produz e emite conteúdos de proximidade" (2005, p. 170).

Segundo Coelho (2005), "os centros regionais que dependem de uma estação central, e que emitem entre 15 a 30 minutos de produção própria, normalmente noticiários, para as regiões, produzindo ao mesmo tempo, conteúdos para a casa-mãe". (p. 170).

[6] *In* Portal da Comunicação social. Consultado a 14 de Junho de 2016

[7] *In* http://www.gmcs.pt/pt/imprensa-regional

Em 1995 a delegação da RTP Porto não tinha uma grande autonomia em relação à central em Lisboa, relativamente ao tempo de emissão e aos conteúdos de produção própria e à área de cobertura, visto que esta delegação produzia conteúdos que constavam da grelha de programação nacional.

A televisão é um dos meios com maior penetração na sociedade pela forma como trata os conteúdos informativos. Deste modo, o público começa a "exigir" que sejam transmitidos conteúdos que estejam relacionados com a comunidade na qual está inserida.

O avanço tecnológico é uma das principais razões que leva autores como Pedro Coelho (2005) a afirmar que este processo [tecnológico] "veio alterar o conteúdo original dos conceitos" não podendo assim "restringir a classificação das televisões à geografia, porque o satélite e o cabo destruíram as barreiras geográficas.

A situação económica da maioria das regiões do país é uma das razões pelas quais ainda há um fraco investimento no que toca a implementação das televisões regionais. Para Coelho (2005, "Portugal tem encarado o investimento na televisão de proximidade como um luxo" (p. 172). Porém, a que ter em consideração que muitas das pessoas que vivem nessas localidades e/ou comunidades distantes vêm nesses meios de comunicação uma forma de se afirmarem e de estarem realmente próximo daquilo que lhes é próximo.

O autor acima referido afirma que a televisão é sim um luxo, mas "para as regiões pobres, incapazes de perceberem que é possível assumi-la como indústria cultural socialmente rentável, mergulhadas no processo de desenvolvimento" É com base nesta teoria que Aguilar (1999) afirma que "cada região deve ter uma televisão à sua medida, que se adapte não só à sua cultura, mas também à estrutura económica" (p. 40). Não pode existir uma televisão regional onde não há uma relação com a própria comunidade, ou seja, não há televisão regional sem que haja uma proximidade com a região em causa, devendo então os *media* procurarem manter um alço forte de proximidade com a comunidade em causa. Como refere Musso (1999) "é a região quem faz os *media*, não são os media que fazem a região, ainda que estes tenham a capacidade para as engradecer e transformar" (p. 40).

Como vimos anteriormente, há uma diferença entre a informação regional e a local. Neste capítulo das televisões regionais, recorremos a autores que defendem que há também diferenças entre as televisões regionais e locais. Coelho (2005) afirma que umas das principais caraterísticas que sustentam esta teoria é que as televisões locais são, na sua maior parte, projectos menos profissionalizados, com equipamento de maior qualidade cuja missão e empenho tem mais a ver com a assunção do papel de montra da actividade cultural do concelho do que com objectivos sociais, políticos ou económicos mais estruturados que, em tese definem as televisões regionais. (p. 178).

Quem também defende uma diferenciação entre as televisões regionais e locais é Vacas (1999) que formulou três critérios de diferenciação entre estes dois meios: área de difusão, propriedade e origem. O autor defende que as televisões locais emitem para um município, as regionais para uma região, ambas são públicas ou privadas, embora o sector público seja o motor da maior parte das regionais. Originalmente, as televisões locais arrancaram muito ligadas à comunidade, as regionais resultaram, sobretudo, da descentralização dos canais públicos nacionais. (p. 34).

Assumindo que a televisão de proximidade tem um papel social no seio da sociedade à qual está inserida, podemos afirmar que é esta função social que lhe define como próximo. Deste modo, servirá melhor essa comunidade, quanto mais próximo desta forem os conteúdos emitidos.

Pondo isto podemos referir que a RTP com a sua grelha de programação pretende criar uma proximidade com as regiões, não deixando que a realidade vivida numa determinada comunidade passe despercebida no país. Consideramos então, que a emissão de conteúdos regionais e locais nos espaços informativos que não são exclusivamente dedicado às regiões, é uma forma de manter uma ligação com aquela audiência.

Esta proximidade que se cria quer pelas televisões regionais e/ou locais não só dão a conhecer uma determinada localidade, mas incentiva o desenvolvimento da região, na medida em que leva a voz dos cidadãos mais longe e até quem pode e consegue fazer algo para mudar aquela realidade, permitindo assim que estes [população] tenham uma participação ativa na sociedade. Tudo isso está incluído no papel social dos media.

Como refere Blumber e Gurevitch (1995), essa responsabilidade social dos *Media*, no sentido de estes deverem contribuir para dotarem o cidadão de instrumentos que não só lhes permitam questionar a política e os políticos, mas que favoreçam a sua participação no processo político. Devem igualmente, iluminar os políticos e os detentores do poder, no sentido de serem criadas condições para o diálogo aberto entre o topo e a base da pirâmide, para que o fosso que separa a elite da massa seja atenuado.

Uma televisão que preste este tipo de serviço a uma dada comunidade está a contribuir para a afirmação da mesma [comunidade], reforçando os laços de uma identidade comum, para preservar as culturas e as tradições das populações e explicar o que se passa dentro daquela comunidade.

Apesar das características deste tipo de televisão [proximidade] assentarem muito nas raízes populares das regiões, Coelho (2005) afirma que estas não a transformam numa "televisão folclórica"[8], pois, ainda que os conteúdos de proximidade recuperados das tradições locais ameacem deixar-se guiar pela lógica do entretenimento assente na raiz popular e dessa raiz popular sobressaía, por vezes uma visão folclórica da realidade, a televisão deve ultrapassar essa tendência, introduzindo conteúdos que, respeitando a tradição, não tratem em exclusivo esse seu lado mais popular. (p.184).

Os conteúdos emitidos e assumidos como regionais ou local, podem integrar uma grelha de um canal local, regional ou nacional, quando estes assegurem que conseguem manter o pacto de proximidade com determinadas regiões. Ou seja, quer seja um canal de informação nacional, quer seja regional ou local, estes devem ter características próprias daquele meio para se assumirem como tal ou para que a informação transmitida seja assumida como regional e/ou local. Vejamos como exemplo do Portugal em Directo – apesar de ser um programa de cariz regional e local, este faz parte da grelha de programação da estação pública de Televisão. Mas a própria empresa/canal [RTP] cultiva essa proximidade com as regiões, pois como serviço público tem maiores responsabilidades em criar espaços para informação regional e local e contribuir para o desenvolvimento das várias regiões no país. "A televisão de proximidade é generalista por vocação, já que a sua especialização é o próximo, tratado de todos os ângulos possíveis e com todas as capacidades expressivas audiovisuais existentes" (2000, p. 177).

[8] *Idem*

Aqui, também refere-se ao fenómeno da globalização que, segundo o autor Pedro Coelho (2005) aproxima os lugares e fragiliza as fronteiras e as identidades, e torna mais premente ainda a existência destes microcanais de televisão que apostam e reforçam as marcas da diferença". Refere ainda a complementaridade que a globalização permite entre o global e o local e a "necessidade de o local reforçar a sua marca num mundo cada vez mais global. (p. 186).

É deste modo que Vacas (1999) afirma que a progressiva tendência para a informação de proximidade em todos os médios assegura um espaço para a televisão regional no futuro próximo, mas só para os projectos seriamente estruturados, ajustados à realidade local, planificados economicamente e que valorizem realmente a identidade da região. (p. 142).

4.5.Os primeiros passos das televisões de proximidade em Portugal

A história das televisões regionais em Portugal remonta há 20 anos atrás. O primeiro canal a dar os primeiros passos neste sentido foi a RTP, numa tentativa de descentralização, como refere João Vieira (2009).

Posteriormente à RTP e fora da esfera televisiva estatal, surge o Canal de Notícias de Lisboa, com início das emissões a 15 de setembro de 1999 e que um ano mais tarde viria a ser adquirido pela SIC que viria a transformar-se no primeiro canal especializado de informação e mudaria o nome para SIC Notícias. Em 2001 viria a surgir o Norte TV (a segunda televisão regional portuguesa) com as emissões a terem início no dia 15 de Outubro.

Surge também a Norte TV com o intuito de levar ao público informação meramente regional, embora o que acontecera tivesse ficado muito aquém das expectativas, na medida em que não foi mais do que outros dois meios que transmitiam informação nacional com algum foco na informação regional e local.

Numa ótica mais geral sobre as televisões regionais, McQuail (1983) apresentou algumas propostas para a revitalização da esfera pública através dos média e uma delas foi a introdução da expressão "participante democrática" para designar ideias formuladas pelos média alternativos, que de alguma forma, mostravam interesse pela

necessidade dos cidadãos". Segundo Coelho (2005) "A televisão de proximidade é, como vimos, a televisão posta ao serviço da comunidade, a televisão cúmplice do processo de desenvolvimento dessa comunidade, que produz e emite conteúdos de proximidade" (p. 170).

Como refere Coelho (2005), em Portugal, segue-se a "tendência que muitos países europeus também seguiram, de que a televisão só poderia chegar às regiões mais pobres quando todas as necessidades básicas destas regiões fossem satisfeitas" (p. 187). Na altura do Governo PSD/PP, entre 17 de Março de 2002 e 20 de Fevereiro de 2005, o autor refere que a forma como tem sido gerida a RTP, a indefinição do conceito de serviço público e da sua aplicação na prática, e o peso dos seus diferentes canais no orçamento nacional têm levantado reservas aos diversos executivos sobre os investimentos estatais no sector, tendo sido sistematicamente afastada a possibilidade de ser o Estado a lançar-se na aventura da televisão regional (idem).

Contudo, foi o canal público de televisão o primeiro a lançar-se no mundo das televisões regionais, com uma primeira experiência falhada aquando surgiu a NTV (Norte TV). Este canal surgiu com o intuito de levar informações das regiões à população, porém não assumiu a informação regional como o privilegiado, tendo sido mais um meio de transmissão de conteúdos de âmbito nacional, com foco no regional.

Para Fidalgo (2000) o instrumento social, cultural e económico de altíssimo valor em que a televisão de proximidade pode transformar-se quando posta ao serviço da região, basta que seja entendida como uma actividade económica e empresarial cada vez mais importante com consequências enormes no desenvolvimento regional.

O mesmo autor (Fidalgo, 2000) revela que há uma passividade habitual que normalmente caracteriza as regiões menos desenvolvidas do país, diz o autor que estas são "meras receptoras de imagens que as regiões mais ricas lhes enviam" (p. 102). Desta forma podemos dizer, que por estas estarem um pouco dependentes das regiões mais ricas, acabam por não permitir que haja um desenvolvimento da região.

Para levar a cabo um projeto deste tipo, é preciso que haja vontade por parte dos maiores interessados [as populações] de darem a sua contribuição, visto que são pessoas que estão inseridas naquela comunidade e que percebem a dinâmica da mesma. Mas também é preciso que haja interesse e investimento por parte do poder local para que

seja possível levar avante com produções televisivas próprias. No panorama atual das produções televisivas que se fazem a nível das regiões, é possível observar por parte de quem os faz um certo amadorismo. As vezes os protagonistas destes projetos nem sequer possuem carteira profissional de jornalista, mas que não desistem de levar a informação das suas regiões mais longe e mais próximo do público-alvo. Contudo, Fidalgo (2000) aponta estes dois fatores como entraves para o desenvolvimento destes projetos: por um lado "o desinteresse do Estado junta-se à apatia, quase generalizada, que tem caracterizado as regiões menos desenvolvidas, pouco atentas ao papel que a televisão de proximidade poderia ter no desenvolvimento da comunidade e no reforço da sua identidade distintiva".

A realidade das televisões de proximidade é um assunto que nos dias de hoje tem sido bastante debatido e a informação local tem ocupado algum espaço nas grelhas de informação dos canais nacionais. Quem também tem acompanhado o evoluir deste processo das televisões de proximidade em Portugal, é o professor de Comunicação da Universidade de Salamanca, que tem sido um observador e uma voz ativa no que toca a este tema [Merayo]. O professor afirma que as televisões que emitem a partir de Lisboa "têm uma visão metropolitana do país, reservando os acontecimentos locais para segundo plano, a não ser que sejam tragédias".

O que aqui é referido é o facto de as televisões se concentrarem nas grandes regiões do país e deixarem à parte as regiões mais distantes, falando nelas somente quando acontece algo que esteja fora do normal. Defende ainda que há essa necessidade de criar televisões de proximidade, mas com verdadeiro foco no regional e no local, emitindo conteúdos que normalmente são omissos pelos canais nacionais.

4.5.1. As televisões de proximidade e os partidos políticos

Ao longo do tempo os partidos que têm sido alternados no Governo, não têm tido grande impacto na criação de televisões de proximidade, na medida em que estes não criam as condições políticas, tendo em vista o desenvolvimento das televisões regionais. Coelho (2005) afirma mesmo que "ambos excluíram a televisão de proximidade da lista das prioridades políticas no momento do exercício do poder". (p. 189).

Em 1991, o Governo do PSD (Partido Social-democrata) abriu uma televisão à iniciativa privada, mas numa altura em que não se justificava falar em televisões de proximidade, na medida em que a realidade televisiva se centrava no monopólio estatal no sector. Assim, a única saída em direção à criação de televisões de proximidade seria desenvolver a partir da estação pública "pequenos canais regionais com algum grau de autonomia, mas, necessariamente, na dependência da estação central"[9].

Nessa altura o deputado socialista Alberto Arons de Carvalho[10] afirmava que para além da viabilidade económica desses projetos, não havia mais motivos para adiar o investimento e consequentemente o aparecimento das primeiras televisões de proximidade, afirmando na época que, vinham "aí novos canais por via hertziana ou por cabo, acessíveis a toda a gente ou codificados, regionais ou locais, generalistas ou temáticos".

Carvalho aponta "questões técnicas" para o atraso no surgimento da televisão local e regional, nomeadamente "a influência de fortes grupos de pressão contrários às televisões regionais, como a comunicação social regional e os grandes grupos de comunicação social nacionais" (idem).

Apesar de todos os aspetos que não permitiram o avanço para as televisões regionais, o Governo socialista conseguiu, com a descentralização da RTP que sete dos centros regionais de produção da estação pública, Grande Lisboa, Grande Porto, Algarve, Alentejo, Coimbra, Bragança e, numa segunda fase, Castelo Branco, emitissem uma programação autónoma de 15 a 25 minutos, inaugurada a 7 de Março de 1997, aquando do quadragésimo aniversário da RTP. Coelho (2005) afirma que apesar das críticas feitas, como a eventual excessiva cobertura das actividades dos governantes de visita às populações servidas por esta rede, os elevados investimentos públicos que o projecto consumia, a alegada permeabilidade dos responsáveis dos centros emissores aos representantes locais do poder político (…) nenhuma destas críticas conseguirá anular completamente os efeitos desta aproximação da televisão às populações. (p. 191)

[9] *Idem*

[10] Secretário de Estado da Comunicação Social (1995 – 2001), Entrevista realizada em Junho de 2003

Todavia, este único aspeto que nos levara a pensar que finalmente ia ser instalada estas televisões de proximidade, foi retirada aquando da chegada ao poder, do Governo da coligação entre o PSD e o CDS, em 2001.

Nas eleições legislativas antecipadas de 2002, com a vitória do executivo do PSD, Manuela Ferreira Leite não pronunciou sobre o decreto-lei não regulamentado pelo Partido Socialista e ainda no seu executivo, no ano de 2005 essa mesma lei continuava por regulamentar (Coelho, 2005).

4.5.2. Televisões de proximidade: As (in) experiências de Portugal

A fraca viabilidade económica aliada à falta de vontade política são os aspetos que mais tem afetado o desenvolvimento das televisões de proximidade em Portugal. O que temos assistido ao longo dos mais de 20 anos de história reflete isso mesmo, embora tenha aparecido alguns projetos, mas que ficaram muito aquém das expetativas, não passaram de experiências falhadas.

O movimento da implementação das televisões de proximidade, "frágil e ilegal não é oficial, não tendo sido publicada qualquer documentação sobre a matéria, a não ser em breves relatos de imprensa[11]" (Coelho 2005, p. 192).

A década de 80 ficou marcada por experiências falhadas na implementação de projetos a nível das televisões regionais e locais. Segundo o estudo elaborado por Coelho (2005) no âmbito das televisões de proximidade, "os primeiros cinco anos da década de 80 testemunharam nesta matéria, a associação entre a acessibilidade da técnica e a vontade de desafiar o poder político e a legislação em vigor sobre a matéria". O mesmo estudo revela que em 1983 surgia alguns rumores da existência de uma estação clandestina que emitia a partir do Algarve (TVAA), mas sem qualquer repercussão nos dias de hoje. Um ano depois, registaram-se novas experiências a nível regional e local, desta em Évora, Espinho e Porto, que segundo informações divulgadas emitiam depois do fecho da emissão da RTP.

[11] António Colaço, ligado aos movimentos das rádios locais, o responsável pela Televisão da Universidade da Beira Interior, TUBI, João Canavilhas, responsáveis pelo "Canal Évora", José Ribeiro e do porta-voz da Câmara Municipal de Évora, Miguel Correia (executivo liderado pela CDU até 2001)

No ano de 1985 surge um movimento liderado por um conjunto de cidadãos, o Fórum Portucalense, que defendiam uma televisão para o Norte do país. Estes queriam constituir a Televisão Regional do Norte (NTV) com o objetivo de quebrar o monopólio da RTP. No mesmo ano começaram as emissões [clandestinas] da NTV, a partir do terraço do edifício do Jornal de Notícias, utilizando a frequência da RTP 1, que mais tarde viria a processar os dinamizadores deste movimento.

Ainda no mesmo ano, e desta vez no Sul, surge a SUL TV que emitia a partir da Cova da Piedade, em Almada. Este projeto conseguiu levar as suas emissões durante mais algum tempo (cinco anos) e conseguiu uma audiência média de 20 mil espetadores. A legalização deste projeto parecia algo viável, e em 1986 enviam um requerimento à Secretaria de Estado da Comunicação Social para solicitar uma licença de instalação e exploração do canal de televisão regional.

Porém, os serviços de fiscalização do Estado conseguiram silenciar algumas dezenas de emissões piratas, nomeadamente nas regiões de Guimarães, Loures e Braga. Contudo houve alguma insistência por parte dos dinamizadores das TV's de proximidade e eis que surge em 1986 a Televisão Regional de Loures (TRL), com um técnico de televisão e vídeo e um técnico eletrónico que conseguiram instalar um retransmissor na localidade de Póvoa de Santo Adrião e melhorar a qualidade do recetor das emissões da RTP. É destes modo, que potencializada pela qualidade das condições técnicas, surge a TRL, com sede em Póvoa de Santo Adrião, e que conseguiram ser sintonizados por 300 mil pessoas. Mais tarde, depois de várias tentativas [falhadas] em fechar as emissões da TRL, um grupo de população promoveu um abaixo-assinado dirigido à Assembleia da República com o intuito de tornar legais as emissões da TRL. A publicidade que potenciava o comércio local, era a principal forma de sustento e sobrevivência da estação.

Contudo com o passar do tempo, começaram a surgir sinais de enfraquecimento, potenciado por alguma dificuldade financeira e a RTP apresentou uma queixa ao tribunal pela utilização indevida de frequência e isso provocou a cessação das emissões da estação.

O movimento de legalização das rádios locais teve grande impacto em algumas experiências televisivas a nível regional e impulsionou o surgimento de algumas, como foi o caso da Televisão de Abrantes (TVA) que tinha como principal dinamizador,

António Colaço, na época, funcionário da Câmara Municipal de Abrantes e que assumiu na altura a figura central da estação (pivô) e que na primeira missão, definiu o projeto como "uma aventura no canal 32", com o intuito de levar esta experiência "mais longe" (2005 p. 194).

Para Coelho (2005), os primeiros cinco anos da década de 80 testemunharam, nesta matéria, a associação entre a acessibilidade da técnica e a vontade de desafiar o poder político e a legislação. A partir do suporte tecnológico possibilitado pelos retransmissores da TVE espalhados à época por todo o país, os "piratas" limitavam-se a injectar no retransmissor um sinal mais forte do que o proveniente de Espanha.

A experiência das televisões de proximidade continuava por todo o país, e já na década de 90 surge em Bragança a Televisão Livre do Nordeste, através de um retransmissor privado, que mais uma vez "tinha por missão melhorar as condições de recepção na região do canal 2 da RTP. Aquando das emissões do canal, surgiram alguns problemas políticas com o poder local, o PSD, o que levou a que os impulsionadores deste projecto a justificarem a implementação do canal não por uma iniciativa política, mas pelo facto de existir um grupo de cidadãos que defendiam uma "voz livre" e dar um "alerta ao poder central para o esquecimento a que o Nordeste transmontano estava a ser votado e para a necessidade de serem criadas condições para o país poder dispor de televisões locais legais" (Coelho, 2005)

No ano de 1995 viria a surgir aquele que foi considerado "o acontecimento político mais significativo dos últimos 20 anos nesta matéria das emissões televisivas clandestinas". Surge a Televisão Regional Portuguesa (TRP), com o intuito claro de colocar um desafio ao Governo do PSD, que demonstrara uma não reação no âmbito das televisões regionais e locais, ao longo dos 10 anos que o executivo esteve no poder.

A primeira emissão do canal foi a partir de um estúdio localizado no Campo de Ourique, em Lisboa. Os principais intervenientes deste movimento, um conjunto de arquitetos, juristas, professores e técnicos audiovisuais, "pretendiam estender o debate sobre as televisões regionais por todo o país" (1986).

Nesta altura os principais dinamizadores das televisões regionais e locais viveram dias difíceis, visto que houve uma denúncia no Ministério Público contra as emissões televisivas clandestinas. António Colaço, na altura ligado à Televisão de

Abrantes foi apontado como o principal mentor deste movimento e corria o risco de ser acusado do crie de emissão televisiva clandestina, punido por lei, na altura, como uma pena de prisão que ia de dois a oito anos. Seguiu-se uma fase de inquérito, que inclui outros nomes como o coronel Vasco Lourenço, do ator Mário Viegas e ainda do presidente da Câmara Municipal de Constância, António Mendes. Porém, neste processo contra a principal cara da TVA, António Colaço viria a ser arquivado por falta de provas.

Em 1997, Alberto Arons de Carvalho, na época responsável pela pasta da comunicação social, participou num debate sobre a televisão regional que durou cinco horas, num estúdio cedido pela Câmara Municipal de duas freguesias do concelho de Mangualde.

António Colaço é o rosto que associamos a todos os movimentos no âmbito das televisões regionais, e mais uma vez, integrou um projeto tendo em vista a legalização das televisões regionais. Com o projeto "Mangualde 2000" a ser difundida 10 horas por dia com programas, agrícolas, programas de ensino a distância e ainda consultas médicas, foi considerado a "primeira transmissão legal de uma televisão regional por se ter servido de uma estrutura licenciada para o efeito, o projecto "Mangualde 2000".

O que temos assistido com o passar do tempo é uma batalha, cuja vitória seria a implementação das televisões regionais. No final da década de 90, mais propriamente em 1999 continuaram a surgir experiências [fracas e frágeis] a nível nacional de televisões regionais e locais. Surge então nesse mesmo ano, em Évora o "Canal Évora", no âmbito das festas da cidade, com treze emissões diárias de televisão, em ecrãs gigantes espalhadas pelo recinto e no canal municipal de cabo, que mais tarde, como todos os outros projetos, viria a revelar problemas técnicos, com um impacto negativo na receção. O canal fez a sua primeira emissão a 18 de Junho de 1999e o término aconteceu a 30 de Junho do mesmo ano. O horário de emissão, com exceção da primeira e da segunda emissão, era entre as 17 e as 19 horas.

No que toca aos conteúdos que eram transmitidos, estes representavam 95% de produção própria, sendo que "a grelha de cada um dos programas era fixa, mudava apenas o conteúdo das rúbricas" (1986). Segundo Carlos Galiza[12], "a grelha do "Canal

[12] Responsável por uma das empresas envolvidas nas emissões experimentais, *in* Jornal Público, 1999

Évora" tinha uma ligeira aproximação ao que deve ser a televisão regional, com acentuada cidadania e identidade local", o que o levava a acreditar existir em Évora "condições políticas, técnicas e tecnológicas para se manter um canal com emissores regulares"[13] (1999).

5. Produção Noticiosa

5.1.Os critérios de noticiabilidade

À par de aquilo que por vezes é "exigido" aos média, o órgão de comunicação social tem os seus próprios critérios de noticiabilidade e os jornalistas têm que ter sempre isso em mente. Ou seja, como refere Canavilhas (2002) "existe um conjunto de critérios de selecção de acontecimentos, isto é, uma escala de valores que permite analisar o grau de possibilidade de um acontecimento se transformar em notícia".

A este processo de seleção das notícias pelos critérios de noticiabilidade dá-se o nome de *gatekeeping*[14] (Lewin, 1947). O primeiro autor a ter preocupações nesse âmbito foi *Kurt Lewin,* que citado por Traquina (1993) afirma que "estes portões "são regidos ou por regras imparciais ou por um grupo no 'poder'" que tem o papel de decidir: o que aprovar e o que rejeitar" (, p. 142).

No Centro regional Norte (CRN) da RTP existia esse critério de seleção de notícias, na medida em que apesar dos *e-mails* que chegam a agenda, apesar de algumas vezes serem os próprios jornalistas a sugerirem uma peça, a decisão final passa sempre pelos chefes de redação, neste caso do Hélder Silva e da Sandra Sá Couto. São os chefes da redação que vão decidir se um dado acontecimento tem algum valor notícia e pode ser uma reportagem.

Mas esta teoria leva-nos a pensar até que ponto o próprio jornalista e os chefes de redação não deixam de parte a sua isenção e imparcialidade (os dois aspetos chaves no desempenho do trabalho do jornalista), na medida em que fazem uma seleção prévia sobre o que passa ou não pela "barreira". É neste sentido que Traquina (2002) refere que o termo *gatekeeper* é associado "à pessoa que toma uma decisão numa sequência de decisões" (p. 77, ou seja, a filtragem e a seleção das notícias levadas a cabo pelo

[14] Termo utilizado pela primeira vez por *Kurt Lewin* em 1947. Traduzido para o português significa "portões" ou "barreiras

jornalista, "é extremamente subjetiva e dependente de juízos de valor baseados na experiência, atitudes e expetativas *do gatekeeper*" (Traquina, 1993, p. 145).

Segundo Traquina (2002), a teoria do *gatekeeper* apenas analisa as notícias a partir de quem as produz, o jornalista, pois o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos gates, isto é, "portões" que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não (p. 77).

Com isso podemos dizer que a informação que chega até ao telespectador passa por uma filtragem que é feita, no caso da RTP pelos chefes de redação. Um conjunto de *gatekeepers* faz a selecção criteriosa que quer que chegue ao consumidor final e que vai de encontra ao que é a política editorial do OCS em questões.

Traquina (2002) afirma que, o fato dos próprios jornalistas seguirem a linha editorial da empresa "pois a verdade é que "a fonte de recompensas do jornalista não se localiza entre os leitores […] mas entre os colegas e superiores" (p. 84).

Os valores notícia são de extrema importância, visto que é através destes que um determinado acontecimento poderá ser transformado em notícia. É nesta perspetiva que Gaktung e Ruge (1993) apontaram um conjunto de características que se acabam por complementar e tornam-se importante durante todo o processo de produção, preparação, redação e a transmissão. De entre os nove elementos apresentados pelos autores está a proximidade, que segundo eles "quando mais próximo se desencadear o acontecimento, mais potencialidades de ser objeto de enunciação jornalística. Apesar da internacionalização das *news media*, grande parte da informação ainda é local" (1993).

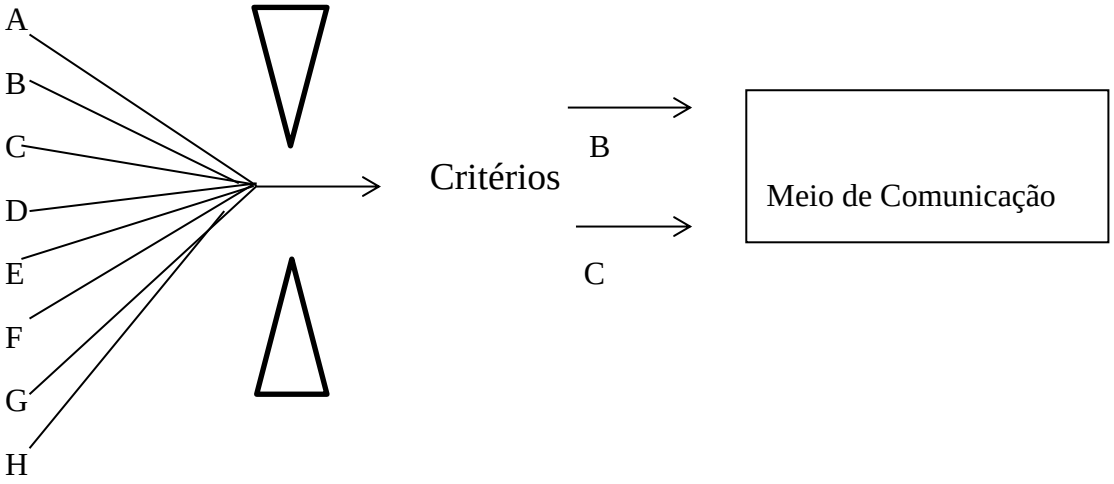


Figura 2. O Processo de *gatekeeping*[15]

Através da figura é possível perceber como funciona o fluxo de notícias tendo em conta critérios de noticiabilidade, que se processa em vários momentos:

1º - Temos um conjunto de acontecimentos que podem ou não ter valores notícia e ser ou não transformado em notícia (A,B,C,D,E,F,G,H);

2º - Segue-se os "portões" ou "barreiras" onde se faz a selecção dos critérios de cada um dos acontecimentos;

3º - Seleccionar os acontecimentos que realmente são notícia (B e C);

4º - E o último passo então, será a transmissão dessa notícia nos OCS.

Wolf (2002) define a noticiabilidade como "o conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias" (p. 190).

[15] Processo de gatekeeping. Figura retirada da monografia de Joana Dias "Os critérios de noticiabilidade dos noticiários televisivos - Estudo de caso comparativo RTP 1 e TVI

Capítulo III

Estudo de caso

6. Metodologia de análise

Para uma melhor perceção dos dados recorremos à técnica de análise de conteúdo que nos permite ter uma visão clara sobre os dados obtidos. É através desta técnica que vamos poder alcançar os resultados mais próximos daquilo que é a realidade dos conteúdos apresentados nos diferentes blocos informativos.

Conseguimos chegar a estes resultados através da observação direta e participante. Durante o tempo de estágio estivemos envolvidos em todo o processo de produção de todos os conteúdos produzidos para os programas alvo de análise.

O trabalho de análise começa por uma definição dos aspetos que seriam os alvos de análise, tendo em conta o tema de partida deste relatório que consiste em perceber qual é o espaço e a preponderância que as notícias locais e regionais têm nos quatro espaços informativos da RTP 1 e da RTP 3.

Para constituir esta análise foi preciso visualizar durante 15 dias o Jornal da Tarde, o Telejornal da RTP 1 e o 360º e o 24 Horas, os principais espaços informativos do canal informativo da estação pública. Ao longo desse período fomos tendo a percepção da análise e em alguns momentos foi necessário reformular alguns aspectos definidos inicialmente.

No total foram analisadas 15 edições do Jornal da Tarde (JT), do Telejornal (TJ) e do 24 Horas e 12 edições do 360º visto que este último tem transmissão de segunda à quinta-feira. Num total de todos os blocos informativos foram analisadas 57 edições ao longo dos 15 dias.

A apresentação dos dados, que nos revela que de todos os blocos informativos analisados, o Jornal da Tarde é o que mais integra na sua grelha de programação notícias de cariz local/regional, a seguir está o telejornal e depois o 24 Horas e o 360º com 6% e 5% respetivamente. Optámos por apresentar esses dados de forma percentual e em gráficos, para uma melhor perceção. Assim, a explicação dos resultados será organizada da seguinte forma: Um gráfico com dados relativamente a preponderância de categorias temáticas presentes no Jornal da Tarde, isto porque a maioria das notícias que são transmitas no JT são igualmente transmitidos nos outros espaços de informação.

Contudo, para perceber a preponderância de notícias locais, regionais e a ligação destes aspetos com as notícias nacionais realizamos de forma individual, gráficos com dados da análise para cada um dos blocos.

Assim sendo os gráficos apresentados referem ao número de notícias locais, regionais e a relação entre o nacional o regional e o local.

Quando nos referimos a notícias locais estamos a referir ao facto da notícia estar relacionada com uma localidade a que a reportagem diz respeito. As notícias regionais dizem respeito ao fator geográfico, ou seja quando numa mesma peça faz-se referência a várias regiões do país. Por outro ângulo de análise relacionamos o nacional, o regional e local, ou seja são acontecimentos que, apesar de serem claramente de âmbito nacionais, há um foco numa região ou numa localidade.

Foi também necessário dentro desta análise verificar a predominância das categorias temáticas presentes nos blocos informativos e a expressividade das notícias locais como abertura dos noticiários, enriquecendo assim a análise.

Para perceber o meio em que vamos aplicar a análise tornou-se necessário definir o perfil dos quatro programas, que nos irá ajudar perceber os resultados. É claramente visível que há em termos de critérios de noticiabilidade uma aproximação do Jornal da Tarde e o Telejornal em contrapartida o 360º e 24 Horas são os dois que se aproximam.

7. Perfil dos quatro espaços informativos alvos de análise

7.1.O Jornal da Tarde

Este bloco informativo é rico na transmissão de informações que estão assentes em várias localidades do país. A RTP 1 já tem o seu público fidelizado e na semana analisada em termos de nível de audiência, o JT estava posicionado sempre nos primeiros cinco lugares da tabela dos programas mais vistos.

Para perceber o nível de audiência do JT ao longo da semana de análise, consultamos as tabelas de audiência referentes à aqueles 15 dias, e o que conseguimos reparar é que foi uma semana muito variável no que toca aos números das audiências.

O melhor dia de audiência do JT relativamente ao número de *share*[16] registou-se a 17 de Dezembro de 2015 com uma percentagem de 28.3% que corresponde a um número total de espectadores de 627 000, o melhor número registado. Neste dia foi o terceiro programa mais visto no canal.

Apesar do bom registo do *share* acontecer no dia acima referido, a melhor posição ocupada pelo JT na tabela dos programas mais vistos, foi registada no dia 24 de Dezembro de 2015 com o *share* muito abaixo do que foi registado do dia 17 do mesmo mês (17,7%) correspondente a 513 000 telespectadores e ocupando o segundo lugar da tabela. Neste dia, que se refere a noite de natal, no horário nobre da televisão portuguesa os dois principais blocos informativos da RTP 1 registaram as melhores posições dos programas mais vistos, estando posicionado nos primeiros (Telejornal) e segundo (Jornal da Tarde) lugares.

O pior dia do *share* do JT registou-se no dia 25 de Dezembro de 2015 com uma percentagem correspondente a 16%. Mas apesar do baixo valor, este não foi um dos dias em que o programa esteve num dos piores lugares da tabela como um dos programas menos vistos. O número de telespectadores que neste dia tinha a televisão ligada e sintonizada na RTP 1 no período entre as 13 e às 14 horas foi de 389 000.

7.2.O Telejornal

A estação pública de televisão foi a primeira a introduzir o modelo do "Telejornal[17]". Com um nível de audiência bom, estando (na semana de análise) sempre nos primeiros cinco lugares da tabela, porém diferencia-se do JT não só devido ao horário em que é transmitido, mas também pelo próprio modelo, visto que algumas vezes têm a presença de convidados especiais para comentar temas da actualidade.

Também neste bloco informativo, nota-se uma pequena mudança na forma de selecção e/ou hierarquização, (se assim podemos dizer) das notícias. Verificamos que não só não há uma supressão de notícias de âmbito regional/local, mas também há

[16] Permite verificar os canais e os programas que obtiveram no mesmo momento ou no mesmo dia uma preferência em relação a outros programas do momento ou do dia.

[17] O telejornal é uma *trade mark* da RTP.

inserção de novas notícias, que podem ou não corresponder as duas áreas referidas acima. "Podemos considerar o telejornal como um género em si, com as suas próprias regras de selecção – **Hierarquização, estruturação narrativa, mediação**" (1998).

Tendo sido a estação que introduziu o modelo, não é por acaso que se associa o nome "telejornal" a estação pública de televisão, com a sua particularidade na maneira de transmitira a informação e com uma aposta cada vez maior na inserção dos comentadores para comentar os temas da atualidade. Segundo Adriano Duarte Rodrigues (Rodrigues, s/d: 85) "ordenar a totalidade do real, registar todos os acontecimentos, nada deixar de fora do seu registo classificatório, escrever a sua marca nos corpos e nos gestos, naturalizar objetivamente todo o devir contingente, impedindo a explosão incontrolável do imprevisível, a irrupção do pulsional caótico no seio da ordem do político".

Normalmente, os comentadores são convidados na maioria das vezes para fazer uma análise de temas que estejam relacionados com a política e/ou economia, sendo estas as duas áreas em que talvez o público vá precisar ainda mais de um descodificador da mensagem, por estes terem uma linguagem própria da área. É este facto que leva Le Paige (1997) a afirmar que "a política desvalorizou-se e generalizou-se o abuso da *langue de bois*, praticada pelos comentadores políticos que mais parecem estarem sempre a dirigirem-se aos seus pares (…) ou seja, "uma adaptação do discurso político à lei mediática do espectáculo". (p. 127)

Para o professor de comunicação social da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Cancio (2005) o "Jornalismo não é teatro, nem ficção, nem *show*. Jornalismo é realidade, atualidade. Entretanto, alguns autores revelam a direcção que muitos telejornais tomam na expectativa de alcançar mais audiência". (p. 46)

São muitos os autores que referem a televisão como um espaço de "espectacularização da notícia". No livro *Telejornais no início do século XXI*, os autores caracterizam-no também como "um espaço performativo, no sentido em que pela associação da palavra, e cada vez mais do texto, à imagem, se transforma uma informação em representação" (2010).

O fato deste meio (televisão) conseguir reunir o som, as imagens, a luz, já é um grande passo para se construir uma boa peça jornalística ou uma boa reportagem

televisiva, mas Cancio (2005) defende que também pode significar como um grande "blefe", pelo facto de correr o risco de tornar o ambiente tão artificial e não se conseguir fazer chegar até ao telespectador aquilo que é a realidade.

Assim, o mesmo autor chama a atenção para que o jornalista consiga lidar com estes elementos e não se preocupar tanto com o ambiente que se tem que criar, tentando conciliar estas caraterísticas e deixar perder aquela que é a essência da peça. Cancio (2005) afirma mesmo que " o profissional que atua em telejornalismo deve ter estes conceitos bem claros para que possa trabalhar com honestidade, sem que se perca no processo mais fácil de espetacularizar ou teatralizar a matéria". (p. 47).

No momento que os telespetadores ligam a televisão e sintonizam uma estação para assistir ao telejornal, é porque se identifica com a forma como aquele canal transmite as notícias e a forma como trata a informação. Assim, o jornalista tem que tratar da peça jornalística de maneira em que haja uma maior proximidade com a realidade.

Quando os autores referem que aos telejornais como um "espectáculo", estão a referir ao facto de existir um conjunto de factores, que quando não enquadrados corretamente, ou quando não há uma interligação entre eles, o resultado tanto pode ser um retrato aproximado da realidade ou uma realidade disfarçada.

Rezende (1985) apresenta um ponto de vista sobre o espetáculo dos telejornais, na qual considero que os noticiários da RTP não se enquadram. O autor refere que "o telejornalismo pode ser considerado como um complemento dos programas de entretenimento" (p. 37). Arbex Júnior (2000) defende que hoje em dia o que se pratica nos noticiários televisivos é mais um *"shownarlism"*[18] *(*p. 11).

Pacheco (2014)[19] defende que "no meio do telejornal há sempre aquela história insólita, há sempre a história qualquer de um senhor que subiu ao alto de uma torre e ficou lá três horas. (…) Isso é essencial, coisa que nos jornais não é obrigatório". (p. 102)

[18] Termo utilizado por José Arbex Júnior para caracterizar o enfraquecimento ou total apagamento da fronteira entre o real e o fictício

[19] Entrevista ao Director-adjunto do Público na tese de Marta Serra Lima sobre as convergências e disparidades entre o jornalismo televisivo e a imprensa escrita na actualidade.

O mesmo autor afirma que a televisão nacional é caraterizada pelo *infortainement*, na medida em que os responsáveis pelas estações acham que esta é uma forma mais "fácil" de captar o interesso do público. Para Pacheco (2014), a televisão precisa de misturar conteúdos informativos com conteúdos de entretenimento, sob pena de perder o interesse do público, o que se reflecte no tipo de notícias transmitido nos noticiários televisivos e na própria abordagem que as televisões fazem dos acontecimentos. (p. 102)

A captação de audiências é o principal motivo pela qual os telejornais tenham um lado *infortainemnt*, como refere Castro (2014), jornalista da RTP *"*os espaços informativos em televisão são crescentemente preenchidos com "estórias", ao passo que as notícias acabam por ser relegadas para segundo plano, o que reflecte o peso que os gostos do público assumem nas apostas feitas pelos operadores televisivos". (p. 103)

José Rodrigues dos Santos afirma que se um canal tem um determinado público-alvo e se a partida já se sabe o que aquele público gosta de ver, leva a que os jornalistas "incluem ingredientes mais espectaculares" no processo de construção da notícia tornando-a mais apelativa para aquele público (2015).

O jornalista da RTP afirma que sim, há uma componente de espectáculo, efetivamente. Isso deve-se a uma das regras da profissão de jornalista que é válida para a televisão, para jornal, para rádio que é: as notícias têm que ser interessantes; e ser interessantes é no conteúdo, mas também na forma como são abordadas. (Dos Santos, 2014: 104).

Uma das tarefas diárias de uma redação para os noticiários é a escolha das notícias. De acordo com os temas que marcam a atualidade, tem que se escolher aqueles com maior importância e valor notícia para fazerem parte do alinhamento. Como refere Mazzei (2002), "nada no telejornal é imune ao elemento espectacular" e na sua perspectiva "essa espetacularização não é objectivamente negativa, pois é nela que reside a mais-valia da televisão, a conjugação entre o texto, o som e a imagem".

7.3.O 360º

Nasce em 2012 como "apêndice" do telejornal na RTP 1 e durante o tempo de emissão dava atenção exclusivamente a um único tema da atualidade e agora ocupa uma boa parte do horário nobre da RTP 3

O programa 360º que tem como ponto de emissão a estação do canal em Lisboa, representa uma das maiores apostas e não é nada mais, nada menos considerado um dos principais blocos informativos da RTP 3[20] (2016). Os profissionais da estação defendem que este será um espaço onde "a notícia é vista de todos os ângulos e de todos os pontos de vista" e que "fecha o capítulo sobre todos os nomes que foram dados a este canal".

Deusdado (2016), diretor de programas da RTP afirma que este é o "programa âncora" do novo canal informativo. Gonçalo Reis, presidente da RTP afirma também que o "novo" canal vai levar a cabo "vários formatos dedicados ao *"lifstyle"*.

O diretor de programas da RTP, Paulo Dentinho garantiu ainda que estabeleceu parcerias com vários jornais (Observador, Diário de Notícias e Jornal de Notícias), que serão os convidados privilegiados quer no estúdio ou nas entrevistas via *link.* No que toca ao nível de audiência do canal, tanto Paulo Dentinho como o presidente da estação referem que com esta aposta querem ver aumentar os números, e será um canal que vai competir com as concorrências, na medida em que a RTP Informação era o canal de notícias menos visto pelos telespectadores "com um share de audiência médio de 1%, abaixo da SIC Notícias (1,8%) e da TVI24 (2%).

O programa inicialmente apresentado pelos jornalistas João Adelino Faria e Maria Nobre, tem agora como figura central a Ana Lourenço (antiga jornalista da SIC), e segundo dados divulgados o 360º apresentado pela nova pivô não aumentou o nível de audiência relativamente à média habitual do programa e a RTP 3 continuou a ser o terceiro mais visto de entre os restantes canais de informação das outras estações televisivas. No primeiro programa como pivô, o programa registou 0,4% de audiência média e 0,8% de share.

Lisboa e Alentejo foram as duas regiões do país em que se registou um melhor resultado a nível de audiências chegando a atingir 1,4% de *share* e 1,2%, respetivamente. No que toca ao género dos telespetadores que assistem o programa,

[20] Informação revelada pelo jornalista Jorge Oliveira numa conversa informal

aparece em primeiro lugar os homens com uma percentagem de 1,2% e de seguida o sexo feminino com 0,6%. Ao que diz respeito à faixa etária que assiste o programa, o melhor registou deu-se entre os cidadãos de 55 a 64 anos, com 2,1% de *share*.

Com a mudança de pivô, a duração do programa também foi alterado passando a ser transmitido durante duas horas, com uma pequena remodelação, relativamente aos painéis de comentadores e também com novas rúbricas

7.4.O 24 Horas

Com emissão a partir do Porto, o 24 Horas tem uma duração de 60 minutos. Já faz parte da programação do canal informativo da estação há muito tempo e é o principal espaço informativo, com as principais notícias do dia e que de certa forma "antecipa" os temas que estão em destaque e que serão abordados no dia seguinte.

Faz parte do 24 Horas a Manchete 3, onde são analisadas as capas dos principais jornais impressos nacionais, com a ajuda de um convidado que está no estúdio para desenvolver os vários temas.

Apesar de ser um bloco informativo que faz o "balanço" do dia no que toca aos temas que marcaram a atualidade, regista uma forte presença de peças que já foram emitidos nos outros espaços informativos da RTP 1 e da RTP 3. Mas por outro lado faz uma leitura social e política do país de uma forma mais abrangente e mais investigativa, tendo em conta que todos os temas são comentados por especialistas que entendem do assunto.

Também é dado destaque neste espaço a temas que estão relacionados com a cultura. Refiro-me ao Online 3 que se dedica a uma informação especializada desta área, com um convidado pertinente.

Pode-se considerar este espaço como um apêndice do 24 Horas que é apresentado na maioria das vezes pela Fátima Araújo.

Além do habitual comentário das parcerias, também é feita uma análise à capa do Jornal a que o jornalista pertence, ou seja há uma presença bastante assídua do diretor ou da subdiretora do Jornal de Notícias, que para além de comentar os temas que

marcaram a atualidade do dia, também desenvolve as manchetes do jornal do dia seguinte.

Os comentários demoram entre dez a 20 minutos variando de acordo com a complexidade do tema e com o alinhamento feito. Também se faz entrevistas no estúdio, estando o convidado e a pivô de pé, em frente um para o outro e de uma maneira digamos que descontraída fazer a análise da imprensa nacional e descodificar a informação, que para uma certo público não estão a par dos termos técnicos utilizados.

Em termos do processo de produção das reportagens quer na redação, quer no terreno são elaboradas da mesma maneira que os outros blocos informativos, até da RTP 1, reforçando a informação referida mais acima, de que há um aproveitamento das peças emitidas nos outros blocos, desde que estes não percam a atualidade.

8. Explicação dos dados

8.1.Expressividade das notícias locais em cada um dos blocos informativos

O Jornal da Tarde é o bloco informativo que apresenta maior expressividade no que toca ao número de notícias desse âmbito transmitidas, com uma percentagem de 64%. Segue-se o Telejornal com uma menor percentagem (25%), o 24 Horas como uma representatividade que corresponde a uma percentagem de 6% e por último o 360º com uma expressividade de 5%.

Podemos então considerar que os resultados obtidos nos dois blocos informativos da RTP 3 (360º e 24 Horas) têm fraca expressividade de notícias locais e que ficam muito atrás daquilo que são os valores apresentados pelos dois principais espaços informativos da RTP 1.

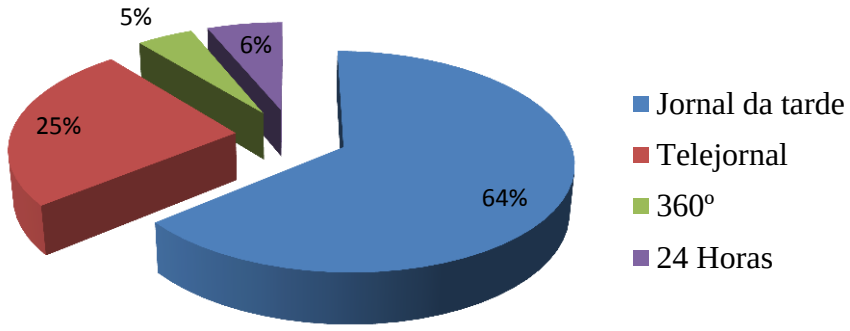
As percentagens acima apresentadas correspondem a 41 notícias de âmbito local no Jornal da Tarde, 16 no telejornal, 3 no 360º e 4 no 24 Horas. É de salientar que das notícias locais que dizem respeito aos blocos informativos da RTP 3 e do Telejornal foram feitas originalmente para serem transmitidas no Jornal da Tarde, mas são "aproveitadas" ou devido ao interesse que estes poderão ter junto dos telespectadores, ou ainda pelo facto de serem temas "fortes" que marcaram o dia informativo. A título de exemplo vejamos o caso da morte do jovem no hospital de São José que marcou a

atualidade ao longo de vários dias e trouxe para discussão o tema da negligência médica que foi abordada por vários comentadores e também fez aparecer casos idênticos em Coimbra com um idoso e em Faro com uma criança.

Na altura em que se avizinhava o natal, as reportagens das tradições de diversas localidades do país, ocuparam grande parte dos blocos informativos da RTP 1 e estes ajudaram de certa forma a que a percentagem no JT estivesse muito acima relativamente aos outros espaços.

No caso dos blocos informativos da RTP 3, devido a sua dinâmica e estruturas, estas peças eram suprimidas o que explica a fraca percentagem destes dois blocos. As notícias locais com destaque nestes espaços informativos estavam sempre relacionados com as mortes que ocorreram nos hospitais ou com o mau tempo que assolou o arquipélago dos Açores.

Figura 3. Expressividade de notícias locais por bloco informativo



8.2.A expressividade das notícias regionais

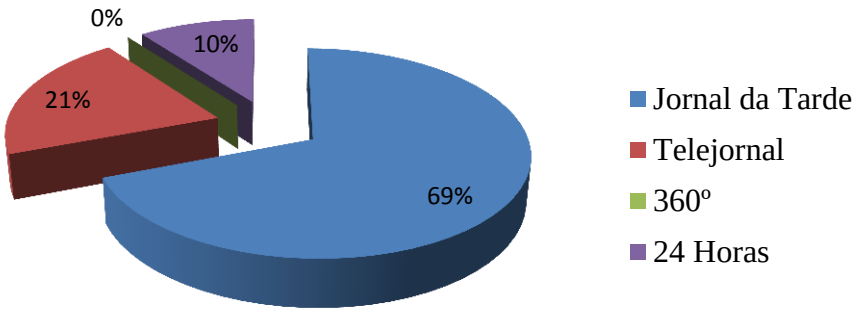
Neste gráfico e tal como aconteceu no anterior, a preponderância de notícias regionais é maior no Jornal da Tarde do que nos outros blocos informativos analisados, tendo havido um pequeno aumento na percentagem (69%) que corresponde a 27 notícias.

A diferença do gráfico número um para o número dois foi ligeira, na medida em que neste caso em particular houve uma diminuição a qual podemos considerar significativa no 360º tendo em conta que não se registaram quaisquer notícias regionais.

Houve uma diminuição também no Telejornal onde foram transmitidas 8 notícias regionais que correspondem a 21% do gráfico, foi uma diminuição para mais de metade; o JT e o 24 Horas foram os únicos que registaram um aumento percentual (10%).

Embora o número de notícias locais e regionais neste último bloco tenha sido exatamente igual (quatro), há uma maior expressividade de notícias regionais levando em consideração a diminuição de notícias no 360º, ganhando assim uma maior preponderância.

Figura 4. Número de notícias regionais por bloco informativo



Aquilo que é representado neste gráfico mostra a realidade relativamente ao espaço que as notícias regionais ocupam nos quatro blocos informativos analisados. As notícias regionais transmitidas nestas duas de análise não eram suficientemente fortes ao ponto de serem retransmitidas nestes blocos. Estas semanas de análise foram "especiais" visto que não houve uma variedade de temas no alinhamento dos noticiários, visto que foi uma semana fortemente marcada pelas decisões à volta do BANIF, nas campanhas

eleitorais dos candidatos à presidência da república e ainda as polémicas à volta dos centros hospitalares.

A região dos Açores atravessava um momento crítico no que toca à meteorologia, sendo nessas duas semanas fora afrontada com enormes tempestades. Esse foi um dos temas regionais que marcaram a atualidade da semana, mas que por se tratar de fenómenos da natureza, nunca se sabia que momento se iria dar. Mas os diretos feitos para a região foram essencialmente no horário do Jornal da Tarde.

Assim sendo, a não presença de notícias regionais no 360º permite a que o programa 24 Horas ganhe terreno e aumente a sua expressividade.

8.3.A expressividade das notícias Nacionais/Regionais

Nesta análise foi levado a cabo as notícias que, apesar de ter como principal foco as notícias que dizem respeito a todo o território nacional, têm um foco nas regiões do país. Aqui podemos referir a título de exemplo, o caso das campanhas eleitorais feitas pelos candidatos à presidência da república. A RTP acompanhou de perto a campanha de todos os candidatos e atribui um jornalista por cada candidato.

Esta foi uma das temáticas que ocupou a maior parte dos dois principais blocos informativos da RTP 1, com uma percentagem de 60% no Jornal da Tarde e de 40% no Telejornal. Porém, os 0% que dizem respeito aos dois blocos informativos não quer dizer que não houve notícias deste género, mas sim que não houve nenhuma notícia nova ou atualizada, ou seja nenhuma peça que tenha sido transmitida nestes blocos informativos, sendo que todas as notícias emitidas já tinham sido transmitidas no JT [principalmente] e no TJ.

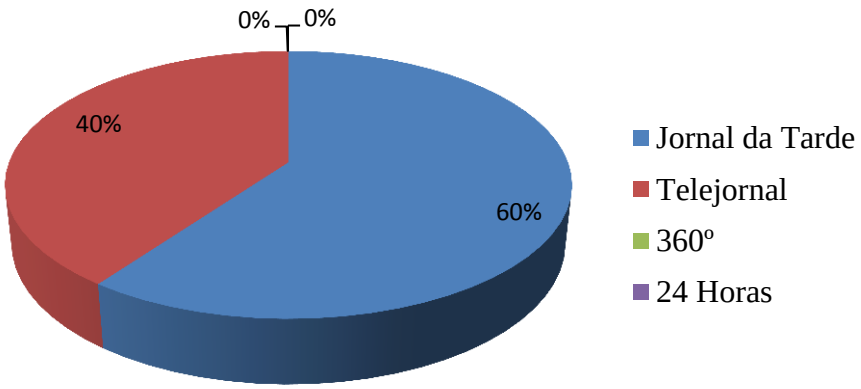
O programa 360º fez uma abordagem diferente das campanhas dos candidatos a presidência da república, visto que embora não tenha transmitido peças "novas", foi "palco" das entrevistas que o canal público fez a todos os dez candidatos. Durante dez dias, todos os dias, a primeira hora do programa foi dedicado às entrevistas, sendo que a transmissão das principais notícias que marcaram a atualidade ficaram para a 2ª hora.

No que toca à transmissão de notícias deste âmbito no programa 24 Horas, aqui sim não houve nenhuma notícia nova e/ou atualizada e entrevistas. O programa ao longo

destes dias foi feito com notícias que já tinham sido transmitidas nos outros blocos informativos, dando apenas uma principal atenção ao que foi dito nas entrevistas dos candidatos ao cargo de PR fazendo uma análise e (quase) sempre referia-se a situação do BANIF que também foi um dos temas que marcaram a atualidade.

Assim, em termos de percentagem podemos reparar através do gráfico acima representado que, os blocos informativos que dominaram neste aspeto de análise foi o Jornal da Tarde e o Telejornal, que reúnem 100% do gráfico, visto que os dois blocos informativos da RTP 3 não apresentaram qualquer notícia, nova e/ou atualizada. Pondo isto, a RTP 1 é o principal transmissor de notícias nacionais com foco nas regiões, tendo sido os programas transmitidos por essa canal a ter maior expressividade.

Figura 5. Noticias nacionais/regionais



8.4.A expressividade das notícias regionais/locais

Par levar a cabo a análise neste campo, referimo-nos como notícias regionais/locais, as que apesar de estarem diretamente "ligadas" a uma região do país dizem respeito a uma determinada localidade. No que toca a notícias das regiões com impacto em uma localidade, a preponderância continua no Jornal da Tarde, tendo acrescido a percentagem de 60% para 64%, o que representou uma diminuição da preponderância no Telejornal, tendo este diminuído de 40% para 29%, ou seja uma diminuição para mais de metade perdendo assim alguma expressividade.

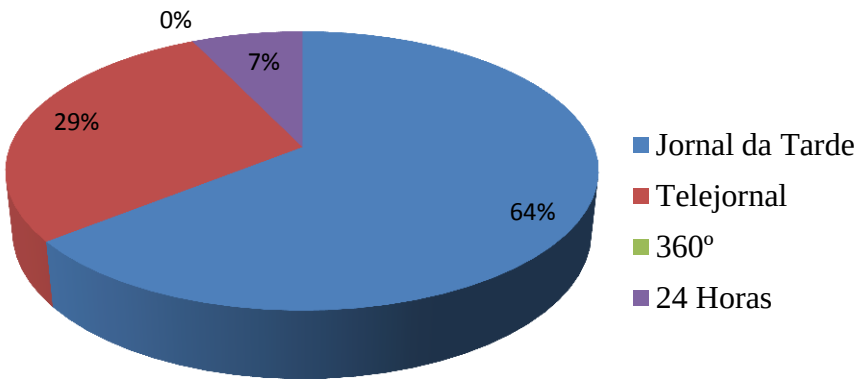
No que toca aos blocos informativos da RTP 3 há um aumento na expressividade do 24 Horas, representando 7% do total do gráfico. Os 7% engloba somente uma única notícia nova e/ou atualizada neste bloco informativo e que reuniu os critérios de

noticiabilidade para que fosse abertura deste bloco informativo. Por seu turno, o programa da RTP 3, no que toca a notícias de proximidade com as regiões e localidades, este tem uma fraca preponderância também neste aspeto de análise, visto que não apresentou qualquer notícia nova.

Reparamos que o 360º tem um foco bastante fraco no que toca aos temas que marcam a atualidade nas regiões, sendo que nos campos de análise que referem ao jornalismo de proximidade, estes tem uma fraca preponderância e expressividade. As notícias levadas a cabo por este bloco têm como o seu principal foco as notícias de âmbito nacional. O ponto que diferencia este programa dos demais, tem a ver com o facto de este pôr em cima da mesa os assuntos que marcam a atualidade e debatê-los com os convidados que fazem uma análise profunda, descodificando a mensagem aos telespectadores, visto que na maioria dos casos, são temas das editorias de economia e da política, onde se precisa fazer esclarecimentos sobre o que se está a passar.

Todas as notícias de carácter regional/local apresentada neste bloco informativo foram os mesmos transmitidos pelos outros blocos, sendo que nenhuma foi atualizada. Assim, o 360º acaba por não ter qualquer expressividade (0%), o que confirma a sua baixa preponderância no que tocas as notícias de proximidade com as regiões ou com as localidades.

Figura 6. Notícias Regional/Local



8.5.As editorias dominantes na abertura dos blocos informativos

No gráfico abaixo apresentado é possível verificar que as categorias dominantes em todos os blocos informativos foram: economia, sociedade, política, internacional e saúde. Também é possível ver através do gráfico em quais dos blocos informativos, cada categoria teve maior preponderância na abertura dos espaços informativos.

Assim sendo, o Jornal da Tarde foi o bloco informativo que teve o maior número de notícias sobre economia como abertura, seguindo-se o Telejornal, o 360º e o 24 Horas com uma representatividade aproximada. Na editoria de sociedade também há uma maior expressividade do JT, seguindo-se o 24 Horas e por fim o telejornal. Neste ponto o que notamos nesta editoria é que há por um lado uma diminuição de expressividade do JT, devido a uma maior representatividade do 24 Horas e uma não expressividade do 360º.

Na editoria da política como notícia de abertura, há um equilíbrio de expressividade de todos os blocos informativos, exceto o Jornal da Tarde, que perde alguma expressividade para os restantes, salientando um aumento de representatividade no 360º. As temáticas políticas neste bloco informativo têm bastante peso, na medida em que se dedicam muito as entrevistas e comentários sobre essas temáticas que marcam a atualidade.

A editoria do internacional, como abertura dos blocos informativos teve maior impacto nos blocos informativos do 24 Horas, do Jornal da Tarde e no Telejornal, com uma ligeira vantagem para este último. As notícias internacionais que marcaram a atualidade nestas duas semanas de análise estão relacionadas com a situação do BANIF com Bruxelas, as eleições gerais em Espanha e ainda os ataques terroristas.

A editoria da saúde foi também uma das que se destacaram na abertura dos blocos informativos, a exceção do 360º. Há um equilíbrio entre os três principais blocos informativos alvos de análise. As notícias referentes a editoria da saúde que marcaram atualidade destas duas semanas de análise referem ao caso das mortes nos centros hospitalares e a polémica que surgiu a volta do assunto. O caso do jovem que morreu no Hospital de São José foi um dos mais falados e debatidos, e foi através desse caso que surgiram outros e que entraram no alinhamento dos blocos informativos e que reuniram critérios suficientes para ser notícia de abertura.

Figura 7. Editorias dominantes na abertura dos blocos informativos

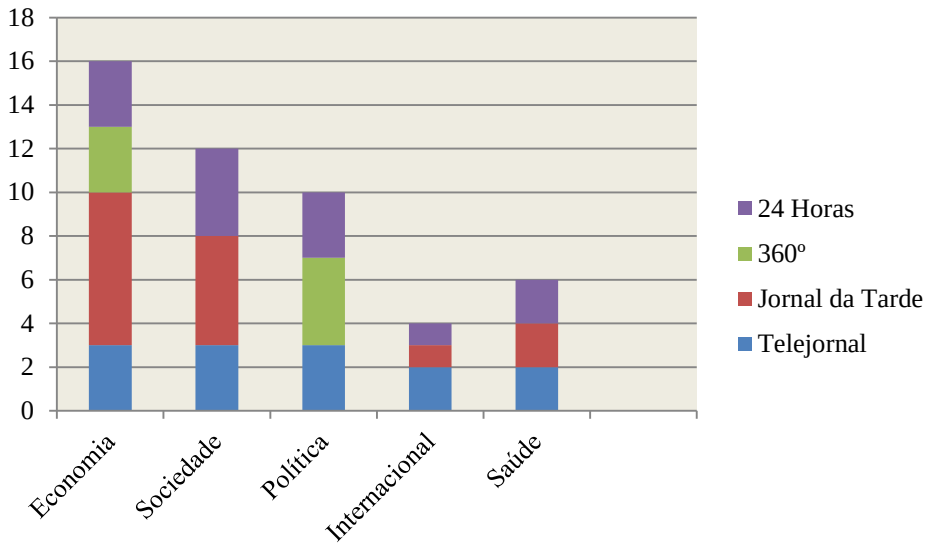


Gráfico 5

No gráfico abaixo vamos poder ver em percentagem a expressividade das categorias acima, nomeadamente a categoria do desporto que aqui aparece como alguma expressividade. O que este gráfico nos revela é que não há uma dispersão muito grande entre eles, sendo que as percentagens apresentadas mostram uma representatividade razoável de todos os blocos.

O desporto, a sociedade e a política são as três principais categorias que predominaram na abertura dos blocos informativos com 23% das notícias em cada uma delas. Segue-se as categorias do internacional e a saúde com uma expressividade menor das acima referidas, com uma ligeira representatividade no internacional com 16% relativamente a editoria da saúde com 15%.

Editorias dominantes na abertura dos blocos informativos

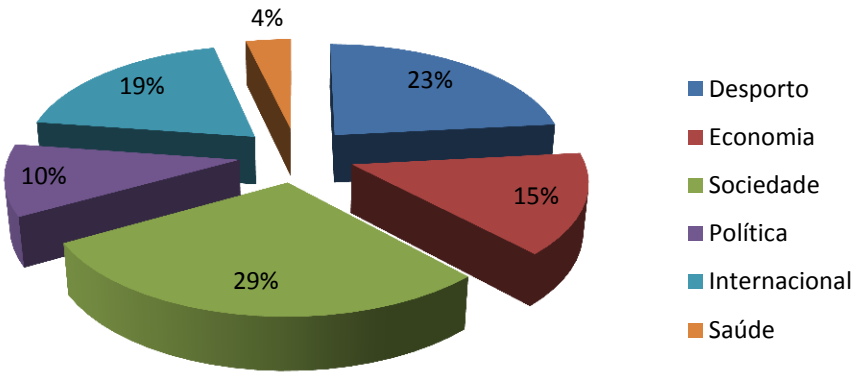


Gráfico 6

8.6. Categorias temáticas dominantes ao longo da análise dos blocos informativos

Como referimos acima houve algumas temáticas que dominaram os 15 dias de análise e que ocuparam a maior parte do alinhamento dos blocos informativos alvos de análise. Assim torna-se necessário referir quais foram as temáticas com maior predominância. Para que conseguíssemos agrupar as várias notícias em áreas temáticas tivemos que denominar as áreas temáticas que mais se aproximam, sendo que ficaram agrupadas em quatro grupos: problemas sociais, partidos políticos, acidente e catástrofes e guerras e protestos.

No primeiro grupo enquadramos todas as notícias que estejam relacionados com " problemas sociais", diz respeito às notícias que estão fora do funcionamento normal da sociedade e que possa afetar a normalidade da mesma. Dos problemas sociais, referimo-nos aos problemas económicos, a situação dos bancos, a questão da sobretaxa do IRS, a concertação social, as pensões de invalidezes falsas em Coimbra. A temática sobre a vinda dos refugiados para Portugal, também foi outro dos assuntos que ocuparam grande parte do alinhamento dos espaços informativos. Houve também outros temas que mereceram um espaço nos blocos informativos e que de uma certa forma afetam aquele que é o normal funcionamento da sociedade. Esta categoria temática foi a

que mais espaço teve nos principais blocos informativos, ou seja teve uma maior representatividade, que corresponde a uma percentagem de 43%.

Segue-se a segunda temática predominante "partidos políticos" está relacionado com a discussão dos partidos políticos à volta da situação do BANIF, tendo sido este o tema mais abordado por todos os políticos e ocupou bastante espaço no alinhamento, com uma percentagem de 22%. Outros temas deste âmbito muito abordado está o Conselho de Estado e a campanha eleitoral dos candidatos à Presidência da República, desde reportagens até as entrevistas de estúdio que a RTP realizou com cada um dos candidatos e as entrevistas do programa 360º, visto que nessa altura a primeira hora deste bloco informativo era dedicado a análise do discurso do entrevistado ao longo da entrevista no Telejornal.

A terceira categoria que predominou no alinhamento dos espaços informativos dizem respeito aos acidentes e catástrofes, nomeadamente as fatalidades ocorridas nas estradas portuguesas, por estarmos na época natalícia e que muitas pessoas se deslocaram para diversas localidades do país. A Guarda Nacional Republicana (GNR) esteve nas estradas para controlar os motoristas e na maioria das vezes houve uma intervenção do responsável pelo centro de monitoramento da polícia em Almada. Também diz respeito a essa categoria, as catástrofes naturais que assolaram o arquipélago dos Açores e que provocou alguns estragos por toda a região. A RTP acompanhou de perto o evoluir da situação e fez inúmeros diretos dos locais afetados. Esta foi uma das temáticas dominantes que marcou a atualidade por estes dias e que corresponde a 21%, sendo assim a terceira temática predominante nos blocos informativos.

Com menos espaço, mas com uma percentagem (14%) próxima das últimas duas categorias estão as guerras e os protestos. Temas como a decisão judicial da tragédia do Meco, os protestos dos trabalhadores da *Maersk* no porto de Lisboa, a manifestação dos professores e ainda os protesto dos trabalhadores da Soares da Costa, foram algumas das temáticas desta categoria que ocuparam a maior parte do alinhamento dos blocos informativos nos quinze dias de análise. Com menos enfâse, houve em Lisboa algumas manifestações a favor da liberdade dos ativistas angolanos.

Figura 9. Categorias temáticas predominantes (%)

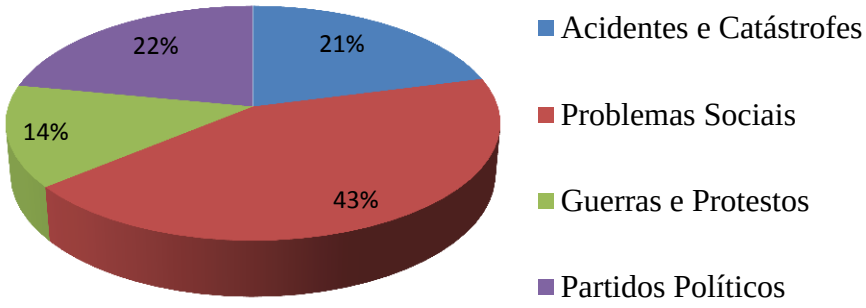


Gráfico 7

Ao longo da análise foram transmitidas 184 notícias que dizem respeito às localidades e/ou regiões, sendo que apenas 16 reuniram os critérios de noticiabilidade definidos pelo órgão de comunicação social, ou seja foram temas considerados fortes com um grande impacto na sociedade.

O gráfico que se segue mostra-nos em percentagem, a predominância que as notícias de proximidade como abertura dos blocos informativos. Tendo em conta o número de notícias desse âmbito emitidas ao longo das duas semanas de análise, a percentagem está muito abaixo daquilo que foi o número de notícias transmitidas. Assim, as 16 notícias de abertura correspondem a apenas 8% do gráfico. As notícias de proximidade transmitidas correspondem a uma percentagem de 92%.

Assim podemos referir que por um lado há uma grande atenção no que toca as regiões do país, porém estes ainda não conseguem ter grande representatividade nos blocos informativos. Há uma grande aposta na transmissão deste tipo de notícias, mas ainda há muito por fazer.

Figura 10. A representatividade das notícias de proximidade na abertura (%)

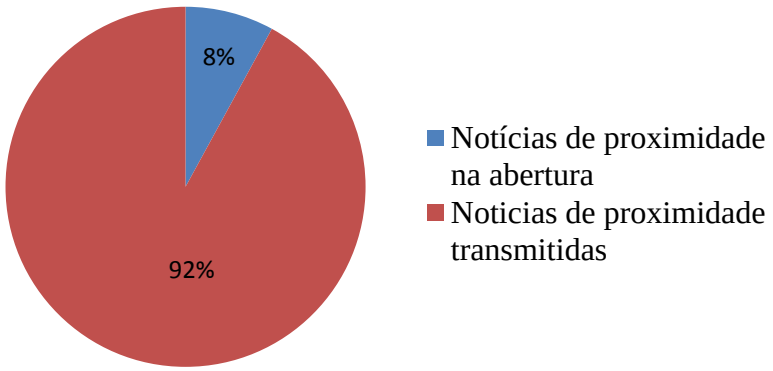


Gráfico 8

8.7.A predominância das notícias locais nos espaços informativos analisados

Após a análise exaustiva da predominância das notícias locais/regionais nos principais blocos informativos da RTP 1 e da RTP 3, o Jornal da Tarde e o Telejornal e o 360º e o 24 Horas, respetivamente, vamos organizar as localidades numa tabela, de forma a perceber qual é o peso das notícias locais nos canais de âmbito mais regional.

Ao que conseguimos apurar, foram transmitidas nas duas semana de análise, 184 notícias de âmbito regional e local nos quatro espaços informativos, sendo que no que toca às regiões, o maior número de notícias transmitidas foram registadas nas áreas metropolitanas do Porto (38) e Lisboa (36). As restantes localidades dizem respeito a áreas com maior ou menor visibilidade em todo o país.

Assim podemos referir que, segundo os resultados, as notícias de proximidade centram-se muito nos dois principais centros regionais da estação, mas notamos uma abrangência significativa a regiões e localidades que estão próximas e também que se encontram distantes. Vejamos como exemplo o caso dos Açores. O número de notícias relativamente a esta região do país está relacionada com a tempestade que assolou a região, em que a RTP dedicou muito tempo de emissão, entrando em direto com os jornalistas que trabalham na região e uma destas notícias foi abertura do Jornal da Tarde.

Tabela 1. Cobertura noticiosa por localidades

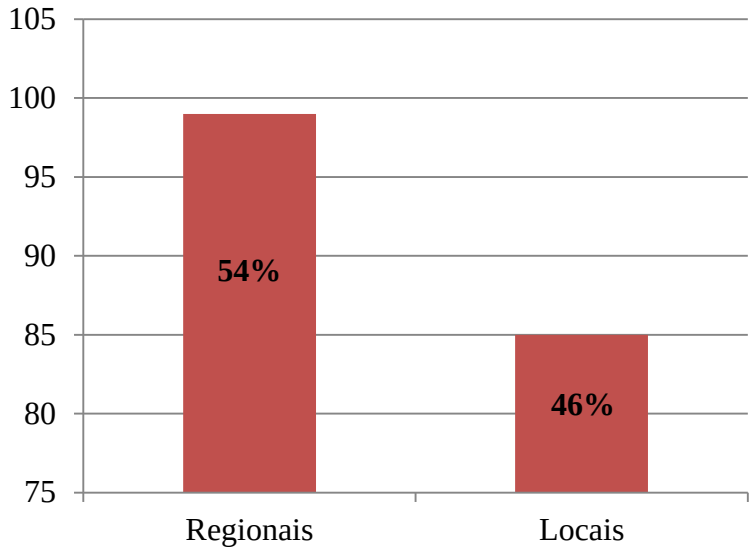
Localidades					
Algarve	1	Costa da Caparica	1	Évora	4
Faro	8	Peniche	1	Sintra	1
Açores	15	Funchal	1	Aveiro	4
Madeira	9	Leiria	2	Vinhais	1
Alqueva	1	Angra do Heroísmo	1	Santarém	1
Lagos	1	Serra da Estrela	3	Ovar	1
Área Metropolitana do Porto	38	Sacavém	1	Olhão	2
Área Metropolitana de Lisboa	36	Felgueiras	2	Covilhã	1
Santa Maria da Feira	1	Braga	3	Cinfães	3
São Miguel	3	Guarda	1	Póvoa Lanhoso	2
Ilha Terceira	1	Gralheira	1	Montemor-o-Novo	1
Graciosa	1	Guimarães	1	Nazaré	5
São Jorge	1	Águeda	1	Coimbra	2
Faial	1	Armação de Pera	1	Figueira da Foz	2
Pico	1	Famalicão	1	Albufeira	1
Lagoa	2	Abrantes	2	Bragança	4
Freamunde	1	Carregueira	2	Tires	2
Valongo	1				
Total					**184**

Tendo em conta que estamos a falar de um canal público de televisão, que deve garantir uma grelha de informação variada, e dar "dar atenção" a todas as localidades do país, verificamos nos blocos analisados que os espaços onde prevalece a informação nacional, a RTP consegue incluir na sua programação conteúdos que estão ligadas às várias regiões e localidades do país, uns mais distantes outros mais próximos, não limitando a cobertura noticiosa aos dois principais centros de produção, Lisboa e Porto.

Também através da análise conseguimos perceber que, do total de notícias de proximidade transmitidas nos quatro blocos informativos 99 dizem respeito às várias regiões aqui apresentadas na tabela e 85 relativamente às localidades. Assim sendo, há

um maior peso das notícias regionais (54%) do que as locais (46%) nos espaços informativos.

Figura 10. Percentagem de notícias regionais e locais nos espaços informativos.



9. Notícias em destaque nos principais blocos informativos da RTP 1: O Jornal da Tarde e o Telejornal

9.1. Semana de 14 a 20 de dezembro de 2015

Na primeira semana de análise e como podemos observar nos gráficos acima representados, não houve uma diversidade temática muito grande das notícias que marcaram a atualidade, mas sim determinados assuntos que estiveram e destaque nesta primeira semana de análise. A situação do BANIF e a solução para o problema do banco foram um dos temas que marcaram a atualidade em todos os blocos informativos. A RTP 1 nesta semana de análise, relativamente a um dos temas que marcaram a atualidade, regista um total de 0:58:42 minuto de emissão que corresponde ao número total de 36 notícias.

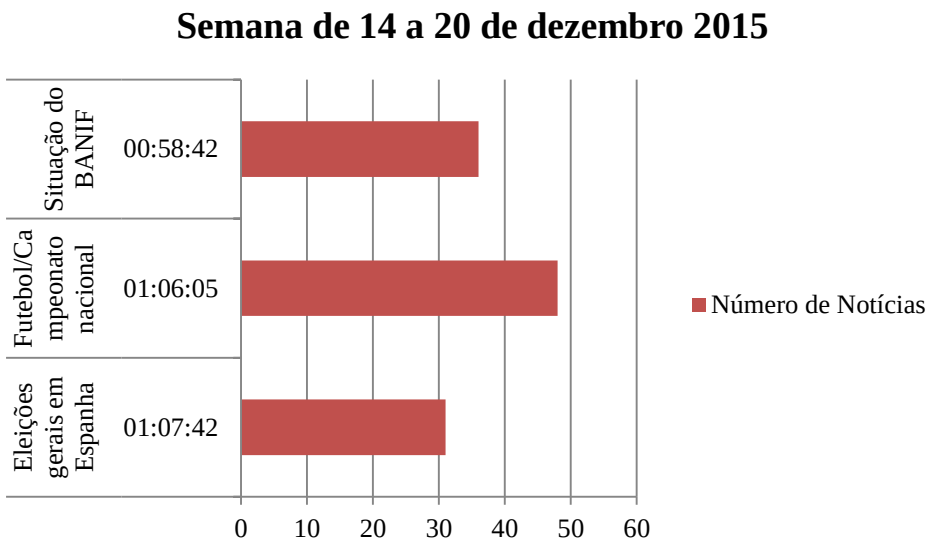
Também nesta semana houve outro tema que se destacou e como já havíamos referido anteriormente, que foram as eleições gerais em Espanha, sendo que a RTP relativamente a este assunto dedicou 1:07:42 do tempo dos noticiários, que correspondem ao número total de 31 notícias. O que nos revela aqui os dados é que apesar de se ter dedicado mais de uma hora de emissão o número de notícias é menor que ao tema do BANIF que ocupou menos tempo de emissão, porém registou um maior

número de notícias. Nas notícias relativamente às eleições em Espanha houve bastante diretos e a maioria das peças ultrapassam sempre o limite máximo estipulado pelo canal, por se tratar de um assunto bastante complexo e de uma realidade internacional. Na altura o que reparámos é que foram feitos vários contactos em direto com a correspondente da RTP em Madrid, Daniela Santiago e com a enviada especial para cobrir estas eleições, a jornalista Ana Romeu.

O futebol, mais propriamente dito o campeonato nacional não passou despercebido nesta semana com o total de tempo de emissão a chegar a 1:06:05 em que foram emitidas 48 notícias. A decisão do campeonato nacional ocupou menos tempo do que as eleições em Espanha, com diferença de um minuto e alguns segundos, porém o número de notícias relativamente a esta temática está muito superior também à situação do BANIF (36 notícias). A vitória do PP sem maioria foi um dos temas que marcaram a atualidade informativa dos principais blocos informativos da RTP 1.

Através da *Marktest*[21] foi-nos possível observar graficamente como foi esta semana de análise nos dois principais blocos informativos da RTP (Jornal da Tarde e o Telejornal), tendo em conta os temas destacados acima, que tiveram bastante tempo de emissão e com o maior número de notícias transmitidas.

Figura 11. Temas destacados nos principais blocos informativos da RTP



[21] *In* http://www.marktest.com/wap/a/n/id~1ff3.aspx

Segundo a interpretação que fizemos aos dados obtidos, nomeadamente no que toca às percentagens relativamente ao espaço ocupado nos principais blocos informativos da RTP 1, os temas mais debatidos e que tiveram um maior tempo de emissão e de notícias transmitidas, foram as notícias relativamente ao futebol e ao campeonato nacional, com 47% que corresponde ao total de tempo de emissão de 01:06:05 em que foram transmitidas 48 notícias, de seguida está a situação do BANIF que ocupou 00:58:42 correspondente a 31 notícias e por último as eleições em Espanha com um tempo total de emissão de 01:07:42, que corresponde a 36 notícias.

Nos resultados percentuais a ordem pela qual foram apresentadas a cima não tem a ver com o tempo total de emissão, mas sim com o número de notícias emitidas. Por exemplo, o futebol apesar de ter menos tempo de emissão do que as eleições gerais em Espanha, tem um maior número de notícias e isso acontece também em relação ao BANIF, que apesar de ter menos tempo de emissão comparativamente as eleições espanholas, apresenta uma maior número de notícias.

Tabela 4. **Cobertura noticiosa do JT e do TJ na semana de 14 a 20 de dezembro**

Temas	**Tempo de emissão**	**Número de notícias**	**Percentagem**
Futebol/campeonato nacional	01:06:05	48	42%
Situação do BANIF	00:58:42	36	31%
Eleições em Espanha	01:07:42	31	27%

9.2.Semana de 21 a 28 de dezembro de 2015

Na segunda semana de análise, 21 a 28 de Dezembro de 2015, os principais temas da atualidade que ocuparam o maior tempo de emissão do Jornal da Tarde e do Telejornal foram as peças alusivas à época natalícia, o Banif e o Orçamento de Estado (OE) Retificativo e também o caso das urgências hospitalares.

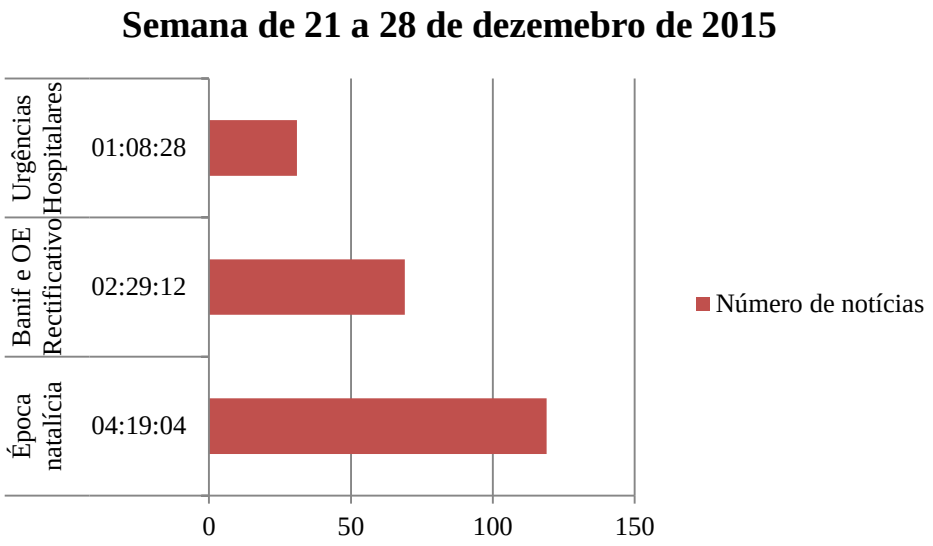
Neste ponto o que podemos observar é que o tema com maior tempo de emissão (época natalícia) é também o que tem o maior número de notícias. Este ocupou 04:19:04 da antena no Jornal da Tarde e no Telejornal. É importante referir que o assuntos desta categoria na sua maioria estavam ligadas a diversas regiões do país, na medida em que o tema das reportagens estavam ligadas com as tradições, os hábitos de celebração, associada as iniciativas solidárias que decorrem por esta altura do ano em várias regiões e localidade do país.

Estes resultados não são surpreendentes, visto que todos os anos por esta altura há um aposta muito grande neste tipo de reportagens, que dá mais a conhecer as atividades em várias zonas do país e a maneira de celebrar de cada família e ainda pelo número de turistas que escolheram passar o natal na invicta, com diretos feitos na sua maioria dos *hostels* e hotéis da cidade do Porto.

Outro tema de destaque nesta semana de análise foi outra vez o Banif e o OE Retificativo, com um total de tempo de emissão de 2:29:12 que corresponde a 69 notícias emitidas. Este tema gerou bastantes debates ao longo destas duas semanas de análise, tendo-se intensificado nesta segunda. A resolução do problema do banco provocou perdas para o Estado. A resolução deste problema teve o seu maior alcance nesta segunda semana.

Sendo assim, o gráfico que vamos apresentar abaixo vai mostrar de forma clara os números acima referidos e o destaque que estes tiveram no Jornal da Tarde e no Telejornal, nesta última semana de análise.

Figura 12. **Temas predominantes nos noticiários analisados: JT e TJ**



Relativamente às percentagens, ao contrário do que aconteceu na primeira semana de análise, aqui as notícias com maior tempo de emissão também representam o maior número de notícias transmitidas.

Assim, surge primeiramente as notícias relativamente a época natalícia, que representam mais da metade das percentagens, tendo em conta o tempo de emissão e o número de notícias transmitidas. Posteriormente e também nesta segunda semana de análise, a situação do Banif e o OE Retificativo foram os temas que marcaram a atualidade, porém com uma representatividade maior do que na semana de 14 a 20 de dezembro de 2015.

As polémicas em torno das urgências hospitalares foi um dos temas bastante discutidos nesta semana, mas teve menos espaço de emissão relativamente aos outros dois assuntos acima referidos. A morte do jovem David no Hospital de São José, por alegada falta de assistência trouxe ao de cima outros casos de alegadas faltas de assistência médica, o que potenciou a que este tema fosse bastante abordado.

Esta semana [de 21 a 28 de dezembro de 2015] o tempo de emissão dedicado a estes três temas que marcaram a atualidade encontram-se muito acima daquilo que foi a

semana de 14 a 20 de dezembro do mesmo ano, tala como o número de notícias transmitidas.

A tabela que mostramos em baixo apresenta os dados numéricos que nos vai fazer entender de forma clara o tempo de emissão ocupado por cada um dos temas, o número de notícias e a percentagem que estes ocuparam nos principais blocos informativos da RTP 1, o Jornal da Tarde e o Telejornal.

Tabela 5. Notícias mais destacadas na semana de 21 a 28 de dezembro

Temas	Tempo de emissão	Número de Notícias	Percentagem
Época natalícia	04:19:04	119	54%
Banif e OE Rectificativo	02:29:12	69	32%
Urgência Hospitalares	01:08:28	31	14%

Conclusão

O estágio de três meses na RTP permitiu-nos entrar na rotina de trabalho diário de uma redação jornalística e percebemos na prática como funciona o trabalho desenvolvido, desde da produção da peça, o trabalho realizado no terreno pelos jornalistas e repórter de imagem, pelos editores e as outras secções que não estão inerentes às tarefas diárias de um profissional da comunicação social.

Ao longo desse período aumentamos o nosso conhecimento, quer a nível teórico quer a nível prático. Com a ajuda dos profissionais da RTP Porto conseguimos pôr em prática tudo aquilo que que adquirimos ao longo da nossa formação académica. A dedicação dos jornalistas da delegação da RTP no Porto constitui uma parte importante durante todo o período de estágio, na medida em que zelaram para transmitir todo o seu conhecimento.

Sendo a RTP um canal público de televisão tem a responsabilidade de levar todo o tipo de informação a todos os extratos sociais, até as regiões que se encontram geograficamente distanciadas. Esse foi o principal motivo que nos incentivou a pesquisar sobre o jornalismo de proximidade e perceber qual é o espaço que as notícias regionais ocupam nos principais blocos informativos do canal. Este foi o tema desenvolvido neste relatório.

O que constatamos nos blocos informativos que analisamos é que estes transmitem na sua maioria notícias mais de âmbito nacional, mas com uma atenção as regiões. Porém, há um número considerável de notícias regionais e locais nos blocos informativos, quer da RTP 1 quer da RTP 3. Esta ligação do canal com as regiões está relacionada com a função social do canal, em dar a conhecer as comunidades e mostrar a realidade dessas mesmas comunidades.

A par do espaço dedicado as notícias regionais nos principais blocos informativos, a RTP é o único canal generalista em sinal aberto que insere na sua grelha de informação programas exclusivamente dedicados às regiões, como é o caso do Portugal em Directo da RTP 1. Assim podemos concluir que a RTP mantém um laço de proximidade com as regiões, nomeadamente a relação que os coordenadores dos pogramas nos grandes centros de emissão (Lisboa e Porto) com os centros de informação nas regiões.

Percebemos assim que, o jornalismo televisivo está a potencializar a informação regional, na medida em que fazem parte cada vez mais da grelha de noticiosa e que há uma forte ligação e intervenção dos centros regionais na produção que se faz nos programas tidos como meios de transmissão de notícias a nível nacional. Quando estamos inseridos num mundo, numa sociedade em cada vez mais se fala na globalização foi importante perceber o espaço ocupado pela informação local.

Com esta experiência conseguimos fazer um *update* não só a nível profissional, mas também pessoal, na medida em que construímos relações que nos possam ser úteis ao longo da nossa vida profissional e pessoal. Aperfeiçoamos os conhecimentos que tínhamos e ganhamos outras experiências que nos permitiu desenvolver ao longo do período de estágio, que culminou com a realização do noticiário final, onde pudemos aplicar todo o conhecimento adquirido neste período de estágio.

Bibliografia

Arbex, J. (2000). *Telejornovelismo: mídia e história no contexto da guerra do Golfo*. Tese – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Consultado a 08 DE Junho de 2016.

Babin, P. (1993). *Linguagem e Cultura dos Media*, Bertrand, Lisboa.

Belo, A., Cardoso, G., & Silveira, F. (2010) *Telejornais no início do século XXI*. Instituto Politécnico de Lisboa: Editora Colibri.

Boudieu, P. (1997). *Sobre a Televisão*. Oeiras: Celta Editores.

Brandão, N. (2010). *As Notícias nos Telejornais*. Lisboa: Guerra e Paz, Editores S.A.

Brandão, N. (2006). *Prime Time*. Lisboa: Casa das letras /Editorial Notícias.

Breed, W. (1993. *Controlo social na redacção. Uma análise funcional*. In Traquina, N. (1993). Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias". Comunicação & Linguagens, ed. Vega, Lisboa.

Cancio, M. (2005). *Telejornalismo Descoberto – A Origem da Notícia no Jornalismo Televisivo Regional*. UFMS Editora. Coelho, P. (2005). A Tv de Proximidade e os Novos Desafios do Espaço Público. Ed. Livros Horizonte. Camponez, C. (2002). Jornalismo de Proximidade. Rituais de comunicação na imprensa regional. Coimbra: Edições Minerva.

Camponez, C. (2002). *Jornalismo de Proximidade*. Coimbra: Edições Minerva. ISBN 972-798-048-1.

Duarte, A. (2010). *Jornalismo de Proximidade: O Papel informativo da imprensa local*. Acesso em http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20121224-agora_ebook.pdf,

Entidade Reguladora para a Comunicação Social. (2010). *Imprensa Local e Regional em Portugal*. Rolo & Filhos II, S.A.

Fidalgo, A. *Fazer Televisão no Interior de Portugal*, in Televisión y Desarrollo – las Regiones en la Era Digital, Badajoz, ed. Junta da Extremadura, 2000

Galiza, C. (1999) in Jornal Público, 1999 – Carlos Galiza

Galtung, J. & Ruge, M. (1993). *A estrutura do noticiário estrangeiro*. In Traquina, N. (1993). Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias. Lisboa: Veja.

García, X.L. (2008). *Ciberperiodismo en la proximidad*. Sevilha: Comunicación Social, ediciones y publicaciones.

Goodwin, A., Whannel, Garry (1990) (Eds.), *Understanding television*. London, Routledge.

Jespers, J. (1998). *Jornalismo Televisivo*. Coimbra: Minerva.

Le Paige, H. (1997). *Une Minute de Silence – Crise de L'Information, Crise de la Televsion*, Crise du Service Public. Bruxelles: Col. Noria. Labor.

Lopes, F. (1999). *O telejornal e o Serviço Público*. Coimbra: Minerva Editora.

Mesquita, M. (1995). *Tendências da Comunicação Política*. In Revista de Comunicação e Linguagens, Comunicação e Política, Nº 21-22, Lisboa.

Moragas, M. (2000). *Televisiones y Regiones en Desarrollo. Possibilidade en la Era Digital*, in Vacas Francisco (org.), Televisión y Desarrollo – las Regiones en la Era Digital, Badajoz., ed. Junta de Extremadura.

Morley, D. & Robbins, K. (1995). *Spaces of identity – Global Media, Electronic Landscapes and Cultural Boundaries*. London: Routledge.

Mota, D. (2005). A televisão adiada: as políticas para a televisão regional e local em Portugal. Comunicação e Sociedade, vol.7, pp. 115-152.

Rodrigues, A. (1993). *Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Editorial Presença.

Rodrigues, A. (s/d). *O campo dos media, Comunicação e Linguagens*, Lisboa: Veja.

Santos, S. (2008). *Imprensa Regional Temas, Problemas e Estratégias da Informação Local*. Lisboa: Livros Horizonte.

Santos, R. (1998). *Os Novos Media e o Espaço Público*. Gradiva. Saperas, E. (1993). Os efeitos cognitivos da comunicação de massa. Porto: Edições Asa.

Sendim, A. & Brandão, N. (2010). *Os telejornais de horário nobre da TVI*. In Silveira, J., Cardoso, G. & Belo, A. (eds). Telejornais no início do século XXI. Lisboa: Edições Colibri/ Instituto politécnico de Lisboa. ISBN 978-989-689-001-8.

Traquina, N. (2002). *O que é Jornalismo*. Coimbra: Edições Quimera. [ISBN 972-589 083- 3].

Véron, E. (1983). *Il est là, Je le vois, il me parle, in communications*, Nº38

White, D. (1993). *O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias*. In Traquina, N. (1993). Jornalismo: questões, teorias e estórias (pp. 142-151). Lisboa: Vega.

10. Webgrafia

http://www.atelevisao.com/category/audiencias/page/17/ - Consultado a 21 de Abril de 2016

http://www.bocc.ubi.pt/pag/estado-portugues-estatuto-imprensa-regional.pdf- Consultado a 05 de Abril de 2016

Canavilhas, J. – Televisão – o domínio da Informação-espectáculo *http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-televisao-espectaculo.html* - Consultado a 10 de Maio de 2016

http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/426/424- Consultado a 20 de Abril de 2016

http://economico.sapo.pt/noticias/rtp3-arranca-na-madrugada-das-eleicoes_230294.html. -Consultado a 08 de Junho de 2016

http://www.erc.pt/documentos/ERCImprensaLocaleRegionalfinal.pdf - Consultado a 05 de Abril de 2016

https://www.publico.pt/sociedade/noticia/agora-na-rtp-ana-lourenco-esta-de-volta-a-guerra-da-informacao-nocturna-1727993. Consultado a 08 de Junho de 2016